

EMILIANO PERNETTA

Ilusão

Re-Edição Virtual Comemorativa do Centenário da
Primeira Edição.

Revista e preparada por Ivan Justen Santana,
similarmnte à edição original, lançada em
Curitiba, em 20 de agosto de 1911.

Curitiba, 20 de agosto de 2011.

ILLUSÃO

Plumas
Poesias diversas
Solidão
Satyros e dryades
Um violão que chora...
Poemas

Typ. da Livraria Economica
Coritiba – Paraná – Brasil

— 1911 —

Aos meus irmãos.

Prólogo

Estrellas que luzis na abóboda infinita,
Inquietamente, assim, como um olhar que fascina,
Vendo-vos palpar, meu coração palpita,
Mordido de paixão por essa luz divina...

Largos céos ideaes, região díamantina,
Mirifico esplendor, ó perola exquisita,
Quanta cubiça vã, que nunca se imagina,
Quanto furor emfim o animo me excita !

É o impossível, pois, que eu amo unicamente,
A nevoa que fugiu, a fôrma evanescente,
A sombra que se foi tal qual uma visão...

E por isso tambem, por isso é que eu supponho
Que a vida, em summa, é um grande e extravagante Sonho,
E a Belleza não é mais do que uma Illusão !

Plumas

Dama

A noite em claro, o mundo inhospito, e dessa arte
Urdem contra a Belleza as coisas mais abjectas...
Reina o Pesar, mas como um Rei, por toda parte ;
E ordena Herodes que degolem os poetas...

Cavalleiros por terra e plumas inquiêtas ;
Esqueletos, que importa ? a rir... Hei de vibrar-te
Aos quatro ventos, e com fórmulas obsoletas,
Ó gladio nu ! meu esotérico estandarte !

Delirio ! assim no ar este signal eu traço...
Escarótico pois ? É bem! Vibrião do Ganges ?
Combaterei, si fôr mistér, num circo d'aço...

Combaterei, embora eu saiba que me perdes,
Com versos d'oiro, que reluzam como alfanges,
Dama ! com teu orgulho ! ó dama de olhos verdes !

O meu orgulho levantou-me...

O meu orgulho levantou-me pelo braço :
“Olha, como esse abysmo é infinito ! Através
Do universo tu és grão de areia no espaço ;
Mas tudo ha de ficar um dia sob teus pés ! ”

A Vaidade me olhou : “Eu sou o antigo leito,
A purpura ideal com que te cobrirei ;
Trabalha que serás o Artista perfeito,
O Domínio, a Grandeza, o Poder e o Rei ! ”

A Gloria me sorriu como uma primavéra :
“Este diadema é teu, e este ramo d'héra
É para te cingir a fronte. Tu has de ver ! ”

E eu cri nesse milagre de apothêoses,
E nunca poderei deixar de crer, ó deoses !
Porquanto si eu deixar, então antes morrer !

Vozes

... bercé par ce continuel bourdonnement
qu'entendent ceux qui n'entendent d'autre voix.

Francis Jammes.

Ó rumor ideal! Ó illusão secreta !

Vozes tristes, vozes doces que me chamais,

Com a saudade cruel e a lembrança completa

De um outro mundo, que eu perdi, não acho mais...

Vozes antigas como as barbas d'um profeta,

Ó vozes de paixão, ó vozes de metaes,

Ó vozes que feris a minha alma inquieta,

Vozes de multidão ruidosa sobre o cáes...

Vozes lindas assim como um efêbo louro,
Vozes, filhas, não sei, das entranhas do Ar,
Vozes d'Apollo e de marfim e prata e ouro...

Ó vozes de embriaguez, ardentíssimas vozes,
Vozes, bem como si quebrasse, ao longe, o mar
Sob penhascos nús e rochedos atrozes !...

Quando um poeta nasceu...

Quando um poeta nasceu, como o sol que desponte,
Logo por sobre o mar longas e brancas vélas
Desfraldam-se ; e por fim, tudo palpita, o monte,
O céu, a flôr, a luz ;—ó roseas bambinélas !

É um barulho de rio, um murmurio de fonte,
Uma palpitação universal de estrellas ;
Um sussuro, um fragor de beijos quentes pelas
Ondulações sem fim e rubras do horizonte !

Menino, homem depois, de um assalto elle ganha
Os ermos, que transpõe, os vallos e os barrancos,
Tendo sempre a sorrir nos olhos a Chiméra...

Chegam os annos e vêm os cabellos brancos...
Todavia, elle só, em pé sobre a montanha,
Inda sonha, inda crê, inda deseja e espera !...

A Mão...

Ao Dr. Claudino dos Santos.

Tantas vezes, bem sei, e eu ouço, quando scismo,
Meu coração bater de pressa, não o nego,
Mão invisível tem-me salvo, a mim, um cego,
Rolando como si rolasse num abysmo...

Babylonias de horror, e montanhas de lodo,
E torres de Babel, sangrentas como lava,
Eu mais afoito do que um joven deos, mais doudo,
Eu passei sem saber por onde é que passava...

Sorrindo pelo ar, miraculosa e a esmo,
Tudo pôde abrandar, os ventos, e a mim mesmo,
Por um prodigio emfim que eu não explico, atheos !

...Donde veio essa mão nervosa, que me arranca
Dos abysmos do mal, a Mão ideal e branca,
A mim, que nem sequer mais acredito em Deos ?...

Embarque para Cythéra

De resto, quanto a mim, a mais doce chiméra
É sempre essa illusão de uma nova paizagem,
E por isso tambem, por isso quem me déra
Que a minha vida fosse uma grande viagem .

Quem me déra poder, à tarde, quando a aragem
Sópra rispida, entrar na primeira galéra,
E errando sobre o mar, ó rude marinhagem,
No outono, estar aqui, e ali, na primavéra!

Quando o encanto, porém, sorri, quando me vejo,
Ora num coração, ora noutro, que esteve
A palpitar por mim de orgulho e de desejo ;

Ah quando vibro assim ! É melhor, na verdade,
Que si andasse no mar, numa trirreme leve,
De prazer em prazer, de cidade em cidade...

Orgulho

Ao João Itiberê.

Nasci para viver no meio do que é bello.
A miseria me causa um horror sem igual.
Eu não posso tocar de leve com o escalpello
Numa ferida, sem que isso me faça mal.

Nasci para viver no meio d'um castello,
Onde eu domine, mas com um gesto senhorial.
Não quero conhecer o mal, não quero vel-o ;
O mando d'um artista é um manto imperial.

Antes morda-me o Odio assim do que a Piedade ;
Antes quero rugir, do que chorar de dôr ;
E prefiro ao pesar, que o coração me invade,

E abate-me a tremer, tal qual uma criança,
O furor de brandir nas mãos, como uma lança,
Este Orgulho, que emfim é uma giesta em flôr !

O Enigma

Ao Dr. Clovis Bevilaqua.

Cançado de querer decifrar o Mystério,
Cujo limiar tocou, mas sem poder entrar,
Como os sons, como os sons longinquos d'um psalterio,
Que se fanassem com a Luz crepuscular...

Eil-o de volta emfim ao seu eremiterio,
—Batel que se perdeu um dia pelo mar—
Eil-o sem o fulgor daquelle sonho ethereo,
Que já teve na voz, que já teve no olhar...

Todavia, elle é um deos. Mas, inquieto de tudo,
Que é seu, que elle inventou, do seu esforço mudo,
E da sua altivez estoica de leão,

Anceia para ver no meio da peleja,
Dessa reféga, desse ardor que relampeja,
Si ainda póde illudir a cruel Decepção !...

Salomão

Ao Adolpho Werneck

Tudo o meu coração tem do rei Salomão,
A gloria, e o furor, o orgulho, e a crueldade ;
Não ambiciona dez, nem cem, nem um milhão,
Mas a terra, e o mar, o céu, e a infinidade...

Em tudo se parece, em tudo é seu irmão,
O mesmo luxo até, a mesma vaidade,
O mesmo fausto ideal, como azas de pavão,
E esse requinte, enfim, essa ferocidade...

Quando soar, porém, a hora maravilhosa,
Em que do alto de uma torre côr de rosa,
Novo rei Salomão, elle, um dia, verá,

Entre poeira e sol, ao longe, a caravana,
Onde em meio d'um régio esplendor, que se ufana,
Fulge o diadema da rainha de Sabá ?

No tronco d'uma arvore

Ao Mario de Barros

Foi num começo esplendido d'outono,
Quando cheguei. A mata era um gorgueio,
Era um sussurro, languidez e somno,
E um corpo nú, e um perfumado seio.

E que gesto mais lindo de abandono,
Que abraços loucos, e que doido anseio,
Quando me vi perdido aqui no meio
Desta folhagem alta como um throno !

Hoje, anda em guerra o sol como um deos Marte,
É que eu me vou, é que eu me vou embora...
E que fél tão amargo de deixar-te,

Ó Natureza, ó rustica sonóra,
Virgem de pés descalços e sem arte,
Que eu como um fauno desflorei agora!

Vencidos

Nós ficaremos, como os menestréis da rua,
Uns infames reaes, mendigos por incuria,
Agoureiros da Tréva, adivinhos da Lua,
Desferindo ao luar cantigas de penuria ?

Nossa cantiga irá conduzir-nos à tua
Maldição, ó Roland ?... E, mortos pela injuria,
Mortos, bem mortos, e, mudos, a fronte núa,
Dormiremos ouvindo uma estranha lamuria ?

Seja. Os grandes um dia hão de caír de bruço...
Hão de os grandes rolar dos palacios, infectos !
E gloria à fome dos vermes concupiscentes !

Embora, nós também, nós ! num rouco soluço,
Corda a corda, o violão dos nervos inquietos
Partamos ! inquietando as estrellas dormentes !

Ovidio

O exílio foi cruel e asperrimo, de fome.
Foi o tédio brutal, a miseria. Curtiste
Toda especie de fêl, o horror que não tem nome,
E ninguém acabou mais feio nem mais triste.

Homem algum jamais sentiu, como sentiste,
Ovidio, ó coração que a colera consome,
Quão perigoso emfim é ter esse renome,
A gloria, que é a illusão mais louca que inda existe.

Mas, que importa afinal ! A mocidade toda,
Quando entravas no Circo, ó Mestre, quasi douda,
Recitava de cór a tua arte de amôr...

E o orgulho de beijar, que nem o exílio doma,
O corpo mais gentil do lupanar de Roma,
Julia, e basta, Nazão, filha do Imperador !...

Veiu

Dil-o tanto fulgor maravilhoso, dil-o
Este clarim de sol rubro do meu anseio,
Este verde de mar, como um somno tranquillo,
Este limpido céu azul, como um gorgueio,

Alto, bem alto, assim, para que eu possa ouvil-o,
Que ella, vencendo o mar, transpondo o serro, veiu,
Todo cheirando, em flôr, o perfumado seio,
Bella, sonóra, ideal, como a Venus de Milo...

Fosse vaidade ou amôr, desespero ou ciume,
Que a trouxessem aqui, como um leve perfume,
Ou fossem, ai de mim ! raivas e temporaes,

Veiu, mas com a graça e a propria luz do dia...
Ó prazer que me faz soluçar de alegria,
E respirar, e crêr nos deoses immortaes !

Desde que comecei...

Desde que comecei a te olhar, de tal modo,
Com tal encanto, com tal extase sorri,
Que tudo que eu amei, mas doudo, como um doudo,
Este Symbolo até por quem me debati,

Versos, orgulhos vãos, lá no alto, com denodo,
Pompas imperiaes, (mal os teus olhos vi,)
Como flôres, assim, das minhas mãos, eu todo
Enlevado, deixei cair ao pé de Ti !

Mas que esperar emfim ? Mais lindo do que um sonho
Tudo que é teu reluz, magnifico, risonho,
Com palmas, com florões, com Torres de Marfim...

És um manto real, o fausto d'um Castello,
A Illusão, o Fulgor mysterioso e bello...
És tudo, meu amor ! E has de olhar para mim ?...

Não é só te querer...

Não é só, não é só te querer, porém tudo
Que é teu, ó girasól girando sobre mim,
Com sorrisos onde ha seducções de velludo,
Attracções de luar e vozes d'um Jardim...

Sonho que me faz mal, tortura onde me illudo.
Cruel inquietação, ancia que não tem fim,
Ó delirio de ver palacios com escudo,
Reinos antigos com torreões de marfim !

Gestos lindos e vãos do que já foi, querida,
Graça do que findou, essencia e flôr da vida,
Origens afinal secretas do teu eu...

Quem me déra beijar tudo isso que me alegra,
No meio da nudez desse infinito Céu,
Desse Rhodano Azul, dessa Floresta Negra !

Posto que Já...

Posto que já esse frescor, e esse
Brilho com que uma vez me seduziste,
Não fuljam tanto, a primavera existe,
E inda canta, e inda sonha, e inda floresce...

Tua beleza é um marmor que resiste
À dureza dos annos, e parece
Até que quanto mais ella envelhece,
Mais se ennobrece, embora um pouco triste...

Nada perdeste, a palidez que tinhas,
Esse aspecto, e essa graça quasi fatua,
E aquelle gesto teu que é o de rainhas...

Bella do mesmo modo ainda tu és,
Ó estatua de Milo, antiga estatua,
Que tanto orgulho tens calcado aos pés !

Donzellas

Donzellas que passais com esse gesto ameno,
E a doce palidez emfim d'uma cecém,
Em vão esse ar é grave, e esse aspecto é sereno,
Não me olheis, não me olheis, que não vos quero bem.

Sulamitas gracis e de rosto moreno,
E claras como a luz, e cheias de desdém,
Tendes perfume, sei, mas não tendes veneno,
Sois muito lindas, sois, não vos quero porém...

Lirios do campo com figura de mulher,
A minha decadencia é um fruto caprichoso
Desta época sem luz que não sabe o que quer,

Não sabe nada ; mas, ó candidez ideal,
Eu não posso querer sinão o Monstruoso,
E o bem Maravilhoso, e o bem Fenomenal !

Justiça

Ao Ermelino de Leão

Os tempos não são mais de dança nem de lança,
E o mundo vai talvez ainda peór do que eu
Suppunha : todos nós perdemos a esperança,
É o naufragio, e este horror, e tudo pereceu...

Mas através do desespero que não cança,
Através deste mal duro como um judeu,
Quando corre o teu sangue e bom como criança,
Quando te vejo, assim, mulher que se perdeu...

Ó furor de arrancar tremulo a minha espada,
De alevantar a voz e de chamar a mim
Cegos e surdos que não querem ouvir nada...

Heroismo, e juventude, e gloria, e luz de um dia,
Que bom de ver surgir uma cavallaria,
Que te erguesse do chão, como uma flôr, emfim !

Poesias diversas

Ideal !

Ao Romario Martins

É frio, frio, como gelo.
Galopo o meu cavallo em pêlo.
Uivos roucos de temporal !...
Mas nessa noite de procella,
Lá corre tremula uma véla
Num mar de sangue !—É o meu Ideal !

Às vezes como um Shah da Persia,
Envolto todo em minha inercia,
Eu adormeço num divan...
Mas vem de subito a Esperança,
Toca-me o braço, dá-me a lança :
“Corre ! que vão matar tua irmã !”

Ó meu Senhor, que bom seria,
Na praia. Esplendido esse dia.
Um velho, e o barco sobre o mar :
“O mar é um tumulto sem fundo,
Mas eu vou dar a volta ao Mundo,
Alem ! Alem !”—Quero embarcar !

A minha vida é uma Doente,
Que ri funambulescamente...
Ri como os sinos : dlem ! dlom ! dlem !
Olhai ! lá vem descendo o serro !
Lá vem ! lá vem o meu enterro !
Que dôr ! que dôr ! Morri. Por Quem ?

E tu, cruel, que assim me perdes,
Ó vicio ! ó Dama d’olhos verdes !
Torcida como um caracol ?
Mas nos teus olhos quando cuido :
Ah ! quem me dêra ser o fluido,
E ser a estrella, e ser o Sol !

No campo. Um cavalleiro passa.
(Campo de Troya da Desgraça)
“Guarda !—murmura—Ê de coral,
Diamante, perolas e ouro,
Estranho, fulgido thesouro...”
Não lhe roubára nenhum real !

A Dôr! (que olhar ! e que magreza !)
Quando essa tísica Princeza
Entra de noite o meu solar...
Queima-me um raio de martyrio,
Eu resplandeço como um lirio,
Ó Lua Nova ! a soluçar !

Ideal ! Ideal ! que fina salva !
Ideal de prata ! Estrella d’Alva !
Torre d’oiro da minha Fé !
Ideal ! Ideal ! luzente Espada !
Comtigo, vê, não temo nada !
Turris eburnea ! Arca de Noé !

Ideal ! Ideal ! que me tortura !
Ó fogo fatuo ! ó vã loucura !
Dama d’honor ! Lança e Arnez !
Alem, alem, é um mar de luzes !
No meio d’ossos e de cruzes ?
Que importa ! Irei sangrando os pés !

Iguassú

Ao Joaquim de Castro.

Ó rio que nasceu, onde nasci, ó rio
Calmo da minha infância, ora doce, ora má,
Bello estuario azul, espelhado e sombrio,
Quanto susto me deu, quanto prazer me dá !

Quantas vezes eu só, nessas manhãs d'estio,
Ao vel-o deslizar, pomposamente, lá,
Palido não fiquei, tão magestoso vi-o,
Orgulho do Brasil, gloria do Paraná !

Companheiro ideal ! Durante toda a viagem,
Foi o espelho fiel a reflectir a imagem,
Dos montes e dos céos, percorrendo através

Da floresta, ora assim como um cão veadeiro,
A fugir, a fugir alegre e alviçareiro,
Ora deitado aqui, quasi a lambar-me os pés !

Canção

Pára um negro cavalleiro
Ao pé de antigo solar :
O seu cavallo é de crina
Côr da Lua, côr do luar.

Vem de longe o cavalleiro,
Vem das guerras de Alem-mar...
Com a ponta da sua adaga
Bate à porta do solar.

—Quem bate na minha porta,
A esta hora de dormir ?—
“É teu esposo, Guiomar,
A porta lhe vem abrir.”

—O meu esposo morreu
Lá nas guerras d’El-rei,
Tenho o punhal que o feriu,
Gravado em ouro de lei.—

Com a ponta da sua adaga
Torna de novo a ferir :
—Quem bate na minha porta,
A esta hora de dormir ?

—Si fores meu D. Rodrigo,
A porta te irei abrir,
Mas si não fores Rodrigo,
Dize : que queres de mim ?

“Eu sou D. Rodrigo, a porta,

A porta me vem abrir”

—Perdão, senhor ! piedade !

Tem piedade de mim !

... ..

Parte um negro cavalleiro

Para as guerras de Alem-mar,

O seu cavallo é de crina

Côr de sangue, côr de luar.

Ebrios...

Muito embora que vão, alegres e cantando,
Causa terror assim pelo meio da estrada
Vêl-os a caminhar, como um sinistro bando ;
Elles têm o nariz vermelho, a face inchada...

Pelas viellas mais escuras, cambaleando,
Sem que queiram saber de nada, de mais nada,
Noctambulos, senis, passam de quando em quando,
Mas como espectros, que fogem de madrugada...

Nada peór. É bem como uma Messalina,
Que já teve e não tem e anda cumprindo a sina
Miserrima... Porém eu vejo-me tão mal,

Que até chego a sentir saudade dos mendigos,
Da espelunca e dos meus camaradas antigos,
Que eu sei que hão de morrer num catre d'hospital !

Esse perfume...

Esse perfume— sandalo e verbenas—
De tua pelle de maçã madura,
Sorvi-o quando, ó deosa das morenas !
Por mim roçaste a cabelleira escura.

Mas ó perfidia negra das hyenas !
Sabes que o teu perfume é uma loucura :
—E o concedes ; que é um toxico : e envenenas
Com uma tão rara e singular doçura !

Quando o aspirei—as minhas mãos nas tuas—
Bateu-me o coração como si fôra
Fundir-se, lirio das espaduas nuas !

Foi-me um goso cruel, aspero e curto...
Ó requintada, ó sabia pecadora,
Mestra no amôr das sensações de um furto !

Convalescente

Ao coronel Joaquim Ignacio.

Choveu durante largo tempo ; dia
Sobre dia choveu, e ella, doente,
E ella, palida e triste, em febre, via
Brumoso e feio o céu, continuamente.

E nem uma esperança mais ! Chovia.
Mas melhora, e, olhando o céu em frente,
Vê que o céu fulge e se enche de alegria,
De uma alegria de convalescente !

E debil, de mansinho, abre a janéla...
O sol casquilha, em ouro se derrama,
Fôra na balsa, como uma risada...

E ella : “Que doce por aquella estrada
Pisar agora em luz ! Feliz quem ama,
Como eu amo esta vida, que é tão bella ! ”

Versos de outr'ora

Fui bom. Mas a bondade é coisa trivial :
A infancia, a infancia fez-me uma guerra infernal.

Fui alegre e sincero. O mundo, a rir, em troco,
Abominavelmente achou que eu era um louco.

Emma, a teus pés caí, beijei-te as mãos, Esther!
Fiz tolices de quem não sabe o que é a mulher...

Com que olhar de altivez, com que fundo desprezo,
Chamastes-me coitado—olhar noutro olhar preso.

Numa idéa de forma exquisita, uma vez,
Aspirei com ardor a esplendida nudez ;

Gente que não entende um fino goso d'arte,
Que eu era um immoral, disse-o por toda parte.

Indifferentemente eu agora caminho
Sobre rosas em flôr ou sobre linho ou espinho ;

Automatico vou, sem pesar nem prazer ;
Ora pois ! vamos ver o que é que vão dizer...

Metamorfóses

À Mme. Georgine Mongruel.

Sei que ha muita nudez e sei que ha muito frio,
E uma voracidade horrivel, um furor
Tão desmedido que, quando eu acaso rio,
Quantos não estarão torcendo-se de dôr.

Conheço tudo, sim, apalpo, indago, espio...
Tenho a certeza que vá eu para onde fôr,
Como o escaravelho, hei de o odio sombrio
Ver ennodoar até o seio de uma flôr.

Mas sei tambem que ha mil aspirações estranhas,
Que havemos de subir montanhas e montanhas,
Que a Natureza avança e o Homem faz-se luz...

Que a Vida, como o sol, um alchimista louro,
Tem o dom de poder mudar a lama em ouro,
E em lípidos cristaes esses rochedos nós !

Noite. Deito-me aqui...

Noite. Deito-me aqui anciosamente, e deito
Este fardo de dor, e esta fadiga enorme.
Faz frio. A neve cae. O vento chora. O leito
Géla. Mas vou dormir, e feliz de quem dorme.

Realmente, a vida foi como um castello informe,
Como um castello no ar, como um castello feito
De papelão, mas construido de tal geito
Que eu fiz de Marionnette, ó Marion Delorme !

Hoje, tudo rolou pelos abysmos, tudo,
Esse orgulho feroz, essa lança, esse escudo,
As viagens a Cythéra, e esses braços reaes...

Eu vou dormir, porém. O somno não sei donde
Desce por sobre mim, como uma grande fronde...
Ah que bom de dormir e não acordar mais !

Soneto

Ao Azevedo Macedo

Que se escreveu, quando se acreditou que
tendo d. Alba se ausentado por mui longes
terras, nunca tornasse mais a dar novas de sua
pessoa.

É noite. E o vento, como a folha d'uma espada,
Corta, sibila, espanca, e zurze, e dilacéra,
E eu que vou, eu que vou, sózinho, pela estrada,
Eu não tenho por mim nem um raminho d'héra.

Eu não tenho por mim ninguém, não tenho nada.
Tenho a noite, este horror, esta cruel chiméra,
A minha solidão, que a mim me desespéra,
E o vento a soluçar, e a tunica gelada...

Mas, bruscamente, emfim, ao longe, ao longe se ergue,
Como um olho de sangue, embora, aquelle albergue,
Oh ! um espectro mau, que outr'ora eu conheci !

Dentro d'elle, eu bem sei, uma profunda valla...
É o covil da traição que envenena e apunhala...
Tenho somno, porém, e vou dormir ali !

Para Ella

Quem um dia me vir, caído pelo chão,
Ferido pela dôr, que é o teu punhal, Yago,
No meio do sangue, assim, no meio d'um lago,
Como um funambulo torcido, mas em vão...

Ha de dizer que do meu destino aziago
A culpa teve mais minha imaginação,
Quando errava através da noite, como um vago,
Como um fantasma, só, como um ladrão.

Cada qual, cada qual, com um motivo diverso :
Este me dirá que foi a mania do verso
Que me veio a matar ; aquelle, outra qualquer...

Ao ver a minha face, em terra, friamente,
Muitos hão de pensar : coitado, era um doente...
Ninguém dirá, porém, que foi esta mulher !...

Corre mais que uma véla...

Corre mais que uma véla, mais de pressa,
Ainda mais de pressa do que o vento,
Corre como si fosse a tréva espessa
Do tenebroso véo do esquecimento.

Eu não sei de corrida igual a essa :
São annos e parece que é um momento ;
Corre, não cessa de correr, não cessa,
Corre mais do que a luz e o pensamento...

É uma corrida doida essa corrida,
Mais furiosa do que a propria vida,
Mais veloz que as noticias infernaes...

Corre mais fatalmente do que a sorte,
Corre para a desgraça e para a morte...
Mas eu queria que corresse mais !

Para onde vou ? Não sei. Qual é o meu destino ?
Tambem não sei. Porém desejo caminhar
Por essa estrada além, bem como um peregrino,
E o meu instinto é como um passaro a voar !...

Quadras

À memoria do Albino Silva

Eu de certo não sei, si venho d'um gorilla,
Ou si venho talvez do paraiso terreal...
Em todo caso pó, e quando muito argilla...
Achei-me um dia aqui ; quem sabe por meu mal !

Eu não sei d'onde vim ; mas viesse d'onde viesse,
Da poeira ou da luz, do gorilla ou de Adão,
Toda a minha ancia é de subir como uma préce,
Toda a minha ancia é de brilhar como um clarão.

D. Morte

entrando num albergue:

... ..

—Mãi, que és tão pobre e não tens leite,

Ó dor crescente ! ó Lua cheia !

Vida—candeia sem azeite,

Olha-me, vê, não sou tão feia !

Pé ante pé,

Queres ? olé !

Glacial, esguia, num momento,

Eu entro, sópro essa candeia...

Queres ? olá !

Quem foi ? quem foi?

—o norte, o vento...

Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

... ..

Incoherencia

Exposto ao vento, à chuva, à neve, ao frio, ao lodo,
Palido de suôr, carregado de tédio,
A procurar em vão, nervoso e quasi doudo,
Para um irmão, que morre, um extremo remedio !

Quando eu aperto assim mais leve que uma pluma,
Ó meu desejo bom, ó minha flôr de liz,
Esse teu seio nu, de carne que perfuma,
Em abraços, em beijos loucos e febris,

Não sei dizer porque, mas vem-me à fantasia,
Que em vez de estar aqui, abraçando-te nua,
Por sobre este peplum de seda, eu poderia
Andar inquieto ahi, pelo meio da rua,

Solidão

Solidão

Ao J. H. de Santa Ritta

Desde os mais tenros annos, Solidão,
Que adivinhei que eu era teu irmão.

Onde quer que eu, andando, te encontrasse,
Ó sombra, ó sonho, ó illusão fallace,

Fosse na immensidade azul do mar,
Todo num fim de luz crepuscular,

Ou na deserta e solitaria praia,
Quando o vento soluça e a onda desmaia,

Sempre que te enxergava, em vez de ter
Medo, como outros têm, tinha prazer.

Tinha um secreto gôso, uma alegria,
Tão exquisita que eu não definia.

Era como si acaso visse alguém
Que conhecesse, que quizesse bem...

Tal a mysteriosa affinidade
Que havia entre nós dois, ó Soledade !

Entretanto, não sei que succedeu,
Não foste minha, e nem pude ser teu.

E era, bem compreendo, era no meio
Desse florido e avelludado seio,

Que eu devera passar a vida, e não
Como a passei, aqui, ó Solidão,

Entre enganos crueis e desenganos,
Dias e dias e annos e annos !

Era em teu seio, sim, como um enfermo,
Teu seio triste, e vasto, e nu, e ermo...

Era em teu coração, que para mim
Foi sempre aberto em flôr, como um jardim...

Inda tenho, porém, frescuras d'alma,
Lirios e rosas, violeta e palma...

Inda te posso amar, ó minha flôr,
Com a mesma graça, com o mesmo ardor,

Com o mesmo gesto, a mesma inquietitude,
Com que eu amei na flôr da juventude...

Pois serei teu, e tu, a embriaguez
De quando amei pela primeira vez.

E teu sómente, ó flôr silenciosa,
Coroadada de myrtos e de rosa,

Nós fugiremos, pombos ideaes,
Longe destes abutres e chacaes,

Para o fundo dos valles e dos montes,
Ao pé dos lirios, em redor das fontes,

Enlaçados no mesmo abraço pois,
No mesmo beijo luminoso os dois,

Ó doce paz, ó meu doirado asylo,
De um azul melancolico e tranquillo,

Ó illusão, ó mãe das illusões,
Filosofias e religiões,

Mãi de tudo que é belo e que irradia,
Mãi do Silencio e da Sabedoria !

I

Não era mais que uma pequena aldeia,
Um logarejo assim, com passarinhos,
Flôres, verdura e sol. Paizagem feia.
A igreja, um velho cura, agua e moinhos...

De quando em quando o fado, a lua cheia,
E casos mil fantasticos de velhinhos,
Com princezas no meio, com adivinhos,
E sempre lá no fundo a mesma idéa...

Eu não seria mais do que um moleiro.
Occupado, occupado, o dia inteiro,
Sem ambições jamais do que eu não vi.

Nem cornamusa alegre de pastores,
Nada ! Nem tudo me seriam flôres...
Mas quem me déra não sair d'ali !

II

No meio desta rustica paizagem,
Que eu por felicidade descobri,
Que bom de interromper a minha viagem,
De erguer a tenda e fazer pouso em Ti.

Que doce aqui ficar nesta ermitagem !
Que bom ! que bom de me enterrar aqui !
Onde eu achei melhor camaradagem ?
Gente mais simples onde foi que eu vi ?

Podia o Orgulho uivar pela cidade,
Não me entraria em casa a Vaidade,
Eu fecharia a porta a tudo isto...

Oh exquisita flôr que se descobre :
De viver entre os pobres como um Pobre,
Entre os humildes como Jesus Christo !

III

Aquelle que ali vae nesse caminho,
Todo despido, todo, da Illusão,
Não tem um manto, o pobre, não tem linho,
Não tem mulher, não tem si quer irmão.

É mais pobre que Job, o pobrezinho,
De seu não tem, sinão esse bastão,
Que ao mesmo tempo é o seu cópo de vinho,
E a sua luz em meio a Decepção...

O vento fêre rijo como açoite
Quando elle passa. É noite. Anositeceu.
E elle não sabe onde passar a noite.

Não sabe nada, nem por que nasceu,
Nem por que vive, nem por que se afoite...
—Esse velhinho é mais feliz do que eu !

IV

Que bom si eu fosse aquelle lavrador,
Que eu nunca pude ser e que eu não sou,
Que depois de lavrar os campos, flôr,
Centeio, milho e trigo semeou...

Esse trabalho nunca lhe amargou,
Mas à hora doce e triste do sól-pôr,
Tanta canceira o pobre desfolhou,
Tanto fez, que semeou a propria dôr...

E oh ! que amargura, quando a noite vem,
Toda d'um roxo frio de lilaz...
Quem déra ser o lavrador, porém !

Entrar em casa, a mesa posta, os seus
Em de redor, a consciencia em paz,
E tudo em paz, louvado seja Deos !

V

Oh para que sair do fundo deste sonho,
Que o destino me deu, e que a Vida me fez,
Se eu quando, a meu pesar, casualmente, ponho
Fóra os pés, a tremer, volvo, anciado, outra vez.

O meu lugar não é no meio de vocês,
Homens rudes e maus, de semblante risonho,
Não é no meio de tamanha insipidez,
D'um egoismo atrás, d'um orgulho medonho !

O meu lugar é aqui, no seio desta ruína,
Destes escombros, que reluzem como lanças,
E destes torreões, que a febre inda illumina !

Sim, é insulado, aqui, no cimo, bem o sei !
Entre os abutres e entre as Desesperanças,
E dentro deste horror sombrio, como um Rei !

VI

Que outro desejo bom, que me captive,
Eu poderei achar, laços fataes,
Si naquella prisão, onde eu estive,
E onde quizera estar, já não estaes ?

Ê de esperança, eu sei, que o homem vive,
E é de chiméra e sonhos immortaes,
Mas, si o que desejei, eu não obtive,
Que outra fortuna posso querer mais ?

Que mais hei de querer, si para aquelle
Que o destino cruel bate e repelle,
Todo desejo é inteiramente vão ?

Sim ! Porém o Silencio é o deos Apollo !
E tem a graça, e o gesto, e o beijo, e o cóllo
De Venus Afrodita—a Solidão !

Lirio !

Ao Generoso Borges

Nos olhos fundos azues de serro :
Geme um salgueiro ; passa um enterro.

Riso d'inverno, gelado escuto :
—Passaro branco que anda de luto.

Mão como as algas, mão que me corta,
Quando eu a aperto, tisica morta.

Esguia, magra, toda arcadinha,
Vime mais brando que uma velhinha.

Palida Morte ! palida Morte !
Sopra essa véla, vento do Norte !

Toca-a bem longe, por esses mares,
Mares de prata, prata e luares...

Si Deos a esquece sobre esta valla,
Pó dos caminhos, hão de pisal-a...

Ella, uma rosa, doente exangue,
Vai ficar cega de chorar sangue...

Lirio tão fino da lama tire-o :
Para entre os Lirios mais outro Lirio !

Que olhe por ella ! que olhe por ella !
Fulgida, pura, como uma estrella !

Que quando a veja, tremulo a abrace,
Beije-lhe os olhos, olhos e face...

Mas tão etherea, mas tão algente,
Que ambos solucem convulsamente !

Sol d'Inverno

Ao Serafim França

Sol d'Inverno, tibio velhinho,
A mim, um doente d'hospital,
Quando me vens dar o teu vinho,
Bebo, bebo, não me faz mal.

Sol d'Inverno, velhinho doente,
Que tosse e escarra o oiro e o pús !
Que bom ! Que bom ! tisticamente,
Tremer debaixo de tua luz !

Ó musica feral d'abelhas !
Ó zumbidos prenhes de dôr !
Magoas com manchas vermelhas,
Prazeres com gangrena em flôr !

Volúpia ! Embriaguez celeste !
Lingua de fogo ! A mim, o pó
Lambe-me, como tu lambeste
As feias úlceras de Job.

Ó riso enfermo ! ó riso espectro !
Esqueleto que estás a rir...
Rei Sol que perdeste o sceptro,
Rei louco, Rei bom, ó Rei Lear !

Olhos folhas tristes d'Outono,
Olhos toque d'incendio no ar...
Olhos carregados de somno,
Olhos 13, diabo, Azar...

Sob o teu beijo, alvas cantigas,
Manto de fulvos areaes,
Dormem leões, paixões antigas,
E amaveis monstros sensuaes.

Dorme tambem, ó sol d'Estio,
Como um ebrio, meu Coração,
Ebrio de estrada, monstro frio,
Gelado pela Decepção !

Amo-te, gloria da mansarda,
Amo-te, (e o vento é um punhal,)
Tu és o meu Anjo da Guarda,
O meu Lençol, meu Hospital !

Amo-te muito, como poucos,
Quando te ausentas por ahi,
Eu, os tisicos e os loucos,
Ganimos de paixão por ti !

Ilusão morna dos casebres,
Bordão florido, cheio de luz,
Bom riso no meio das febres,
Suores d'Agonia... Jesus !

Frio, frio !... (Que é de um Amigo ?)
Partes ? adeus ! nenhum lençol !
Meu Unico Amôr, meu Jazigo,
Fogão dos pobresinhos, Sol !

Em seu louvor

Ao Clemente Ritz

Lirio do Cedron, ó Rosa do Carmello !
Tu tens a alegria da Estrella d'Orion...
Quando eu te contemplo como um Setestrello
Regina cœlorum, Lirio do Cedron...

Fluido Sonho à Lua, vago Céu desnudo,
Sombra que perfumas como o benjoim...
Teu passo ressôa por sobre velludo,
Quando tu caminhas, Lyra de marfim.

Tudo que é murmúrio, tudo que é frescura,
Ó Cheia de graça ! reluz em teu Ser...
Campo é teu olhar elysio de verdura ;
Cordeirinhos brancos andam a pascer...

Quando tu me falas, falam os aromas,
Ó boca de lirio, prateado luar !
Com palavras de ouro, com aromas domas
Ondas mais revoltas que as ondas do mar.

Quando eu penso em Ti, Pomba muito mansa,
Recendes-me ao nardo, Capellinha em flôr,
Dourada da palma verde de esperança,
Lirio do Cedron, ó Rosa do Assor !

Entre lírios verdes, entre palmas bentas,
Entre lírios brancos, fulge o teu altar...
Resplandecem lírios, onde Tu te assentas,
Ó Virgem Maria ! desejo rezar !

Ó Virgem Maria ! Mater Dolorosa !
Minha alma a teus pés é uma criança a rir...
Que teus pés me calquem—brancos pés de rosa !
Tão bem eu me sinto ! deixa-me dormir...

Espectro

Chego, fecho-me aqui no quarto. Lá por fóra
Ruge o vento de dôr. Bate desesperada
A chuva nos vitraes. Eu estou só. Agora
Completamente só. E a noite é gelada.

Soffro. Quero illudir a minha dôr que chora.
Folheio este volume e não comprehendo nada.
Tento escrever, em vão. Mais, eis que sem demora,
Noto que a porta foi como que descerrada...

É alguém, alguém talvez... Meu coração se pasma,
Todo o meu ser emfim tremulo se retráe :
Vejo pé ante pé chegar esse fantasma...

Entra. Senta-se aqui. Olha-me bem de frente,
Melancolicamente e dolorosamente,
E sem dizer palavra, em seguida, elle sae !

Nox

Escureceu. Silenciosa,
A Noite faz a toilette :
Na cabelleira tenebrosa
Engasta a Lua um alfinete.

Depois, o corpo sempre moço,
O corpo em flôr de Sulamita,
Num banho immerge até o pescoço,
Banho de estrellas que palpita.

E emfim de todo quasi nua,
Sómente envolta em véos ideaes,
No carro d'ébano fluctua,
Pelos espaços sideraes.

Vendo-a passar, dos rendilhados
Palacios de ouro e de cristal,
Como si fossem namorados,
Os astros fazem-lhe um signal.

E cada vez mais se reclina
Sobre esses coxins de velludo,
Sorrindo como Messalina
Para todos e para tudo...

Mors

Nesse risonho lar,
A dôr caíu neste momento,
Como si fosse a chuva, o vento,
O raio, e bate sem cessar...
Bate e estala,
Como uma louca,
De boca em boca,
De sala em sala...

Somente tu, flôr delicada,
Como quem veio
Fatigada
De um passeio,
Tombaste ali, silenciosa,
Sobre o sofá,
No abandono,
Palida rosa,
De um longo somno,
De que ninguém te acordará !

Flóra

Ao Gilberto Beltrão.

Hontem, eu me encontrei contigo, ó primavéra,
Os labios a sorrir, como uma flôr vermelha,
Tu trazias na mão a classica corbelha,
E na fronte ideal uma corôa d'héra.

Em de redor de ti, loucamente, passava
Um turbilhão febril de raparigas, quase
Nuas, veladas só por um sendal de gaze,
Mais leve do que o som que Zéfyro soprava...

Ode à solidão

À exma. snra. Baroneza do Serro Azul

Vamos, é tempo de se abrir a mão de tudo,
E fugir de uma vez,
Desses caminhos de sandalos e velludo,
Doirada embriaguez...

É tempo de dizer a tudo quanto passa
O meu adeus final,
Às rosas e aos rosaes, à mocidade e à graça,
Tudo que me fez mal.

Quanto me sinto bem, ó minha doce amiga,
Eu, palido ermitão,
Aqui dentro de ti, da tua paz antiga,
Eterna solidão !

No meio do silencio immenso que me cobre,
Assim como um capuz,
Como é bom de escutar o mar quebrando sobre
Esses rochedos nus...

É a mesma cousa que si habitasse um castello,
E é o unico lugar
Onde eu me sinto grande, onde eu me sinto bello,
Em face deste mar...

Que essencias ideaes eu respiro ! Nenhuma
Outra região assim
Tem esse cheiro bom. A solidão perfuma
Como um jasmim...

És o retiro, a paz, o sonho, e esse caminho,
Que eu sempre quizei,
O caminho ideal, por onde eu vou, sózinho
E triste, mas feliz.

Ah para mim tu és o egregio cofre aonde,
Por suas proprias mãos,
A minha alma recolhe as lagrimas, e esconde
Os meus soluços vãos...

Bemdito seja pois esse silencio obscuro,
Bem dita sejas tu,
E esse teu ventre liso, e esse teu seio puro,
Esse teu seio nu,

Onde ao cair enfim de uma tarde de outono
Desejo adormecer,
Calmo, porém, assim como quem dorme um somno
Num seio de mulher...

Satyros e dryades

De um fauno

Ao Ismael Martins

Ah! quem me déra, quando passa em meu caminho
Juno ! com seu andar de névoa que fluctúa,
Poder despil-a dessa tunica de linho...
E vêl-a nua ! Eu só comprehendo estatua nua !

Nua ! essa corça nua é branca, e é como a Lua...
Ser eu Apollo! embriagal-a do meu vinho !
Porém si estendo no ar os meus braços, recúa,
Esquiva, a dama apressa o passo miudinho...

A dama foge, não deseja que eu avance...
Meu desejo, porém, é um gamo. De relance,
Vendo-a, corre a querer sugar-lhe o claro mel...

Despe-a ; carrega-a, assim, despida, para o leito...
E, nua, em flôr, bem como um satyro perfeito,
Sobre o feno viola essa Virgem cruel !

D. Juan

Sensível, como quem podia ser, apenas
Mais vão do que uma sombra um gesto perpassou,
E logo desse herói, revoltas as melenas,
Brilhava o estranho olhar, que tanto ambicionou...

Era uma confusão. Palidas e morenas,
Cada qual, cada qual, como Deos a formou,
Não foi uma, nem dez, porém foram centenas
As mulheres por quem D. Juan desesperou...

Todas, todas que viu, elle mordeu de beijos,
Enraiveceu de amor, poluiu de desejos,
Tomado de furor, doido d'embriaguez...

Um delirio ! Porém, D. Juan era um artista,
E portanto cruel, nervoso, pessimista,
E de resto, o infeliz nunca se satisfez !

Não sei que poeta...

Não sei que poeta mau teve a lembrança, um dia,
Possuido d'um furor de plebe iconoclasta,
Baseado em não sei que falsa filosofia,
De querer te cobrir d'uma gloria nefasta...

E entre epithetos e baldões de toda casta,
Esquecendo afinal o tom dessa hierarchia,
E a pose archi-ducal e antiga da poesia,
O teu manto de rei nervosamente arrasta...

Elle não soube ler, ó heróe, o teu destino,
Um supremo desdém, um orgulho divino,
E nunca pôde ver, palido D. João,

Através desse olhar, scismativo ou risonho,
Que não eras sinão o symbolo d'um sonho,
E essa flôr ideal e eterna da Illusão !

D. Juan, mas porque foi...

D. Juan, mas porque foi um seductor, de resto
Não deixou de curtir a Decepção cruel,
Pois sempre que sonhou, enlevado num gesto,
Sorver o amor, assim como um favo de mel,

Não sei, não sei que flôr, com odio manifesto,
Angelica, porém, com alma de Ariel,
Quando elle ia beber, inquieto, quasi honesto,
Deitava-lhe no copo o veneno e o fel.

Abrindo os corações, todos, de par em par,
Apenas elle quiz transpôr o liminar,
Que estremeceu e tão branco e desfigurado...

Lirio ou rosa, não sei, nenhuma flôr tocou,
Que uma serpente vil não tivesse manchado,
E um verme tambem não exclamasse : aqui 'stou!

Um dos sonetos de D. Juan

Ao Domingos Nascimento.

Todos os dias o meu coração suspira,
Umas vezes por ti, meu bem, outras por ti,
Meu novo bem, assim que se fôra uma lyra,
Ora em dó, ora em fá, ora em ré, ora em mi...

Ó torres de marfim, ó torres de safira,
Perolas ideaes, que eu nunca possuí,
Quando é que poderei (a minha alma delira)
Palpitar sobre vós, bem como um colibri ?

E que ancia de poder fundir-vos num só beijo,
E que ancia de beijar a todas de uma vez,
Astros, dignos do meu soberano desejo !

Carnes, alvor de luz da manhã, que irradia,
Olhos, inundações furiosas de embriaguez,
Tranças revoltas como uma noite de orgia !

Outro soneto de D. Juan

Quando fulges aqui pela minha lembrança,
Ó fogo de Babel, luxuriosa flôr,
Ê como si fulgisse a ponta de uma lança,
E é mais odio talvez que eu sinto do que amôr.

E vingança tambem e sêde de vingança,
Sabendo que afinal foste possuida por
Tudo quanto bem quiz, atrás desesperança,
Por vaidade ou prazer, ser teu possuidor...

E que horrivel pesar que pois assim me veja
Condemnado a querer emfim uma mulher
Que todo o mundo quiz e todo o mundo beija...

E tenha por destino e por minha desgraça,
A infamia de beber no fundo de uma taça
Onde eu sei que bebeu um beerrão qualquer !...

Ainda outro do mesmo autor

Ó Sodoma gentil, ó flôr maravilhosa,
Ser amado por ti, causa-me tal prazer,
Que eu não sei te dizer, minha palida rosa,
Mas depois de te amar, vale a pena morrer.

Acredita, eu não sei, perola preciosa,
De gesto mais gracil e doce de mulher ;
Que bom de te lançar, carne voluptuosa,
Por sobre os hombros nús flôres de malmequer !

Tu não és, tu não és menos que uma rainha,
E parece que estou ao fundo de um clarão,
De um extase sem fim, que apenas se contém...

Eu desejo morrer. No meio da illusão,
Ó Sodoma, porém, de inda tu seres minha,
Quem me déra viver, só p'ra te querer bem!

Ainda outro...

Quando te vejo assim passar como um lampejo,
Não imaginas tu, causa de meu prazer,
O anseio, e o fulgôr, e o horrôr com que te vejo,
E o orgulho, e a ambição, e a fome de te ver.

Escuta : para mim, tu és um grande beijo,
Que inundasse de luz o fundo do meu ser...
E é um punhal este amôr, e é um dardo este desejo,
E nada satisfaz a ancia de te querer !

Os nossos olhos são uma voracidade !
Mal se avistam, não sei que loucura os invade :
Correm a se agarrar, tremulos de paixão...

E pelejam, assim, agarrados e unidos,
No meio d'um fragor tragico de rugidos,
Doidos por se querer destruir, mas em vão...

E finalmente o ultimo

Ao Santa Ritta Junior

Meu encanto, meu bem, rosa de Alexandria,
Minha tulipa, meu ideal, minha illusão,
Minha loucura, meu amôr, minha agonia,
Meu céu aberto, que parece uma prisão :

Minha esperança e meu pesar de cada dia,
Ó minha luz, tu és o meu desejo vão,
E a espada, e o broquel, e a pluma, e essa alegria,
E esse delirio, e a flôr da desesperação !

Quando será, porém, ó moinho de vento,
A hora que tarda, enfim, o supplicio, o momento,
Em que eu, embriaguez celeste, hei de poder,

Já fatigado, já, de tudo, sim, de tudo,
Desses teus olhos vãos, mais caros que o velludo,
Anciar ao pé de ti, mas por outra mulher ?...

Gata

Na brancura da pelle e no gesto macio,
A caricia tu tens e a molleza de gata :
O teu andar subtil é doce como a pata
Desse animal pisando um tapete sombrio...

Tens uma morbidez languida de sonata.
Teu sorriso é polido, é fino e é muito frio...
Si as tuas mãos acaso eu beijo e acaricio,
Sinto uma sensação exquisita, que mata.

Quando eu tomo esse teu cabelo ondeado e louro,
E o cheiro, e palpo o teu corpo branco e felino,
Como te torces, pois, minha serpente de ouro !

O teu corpo se enrola em meu corpo amoroso,
E o teu beijo me aquece e vibra como um hymno,
Animal de voz rouca e gesto silencioso !

Heliogabalo

É um prostíbulo. E pois, tendo admirado tudo,
—Caligula a rugir dentro d'um lupanar,
Tiberio, como si fosse um fauno cornudo,
De lepras e furor a se despedaçar,—

Suppunha nada mais ter que ver, quando mudo
E apavorado, viu pela cidade entrar
O novo imperador, coberto de velludo,
Seda e ouro, e por fim bracelete e collar...

E era um deos, era um deos, d'uma pompa feroz.
Quando o filho do sol aos porticos assoma,
Entre eunuchos reaes e truões, alçando a voz,

“Viva o Imperador !” O mundo o acclama e quer.
“Viva !” O monstro excedeu as crapulas de Roma !
Heliogabalo é um homem e é uma mulher !

Amôr Cinzento

Ao Celestino Junior

Em baixo é o dia fusco, é a luz mortuaria ; em cima
Rolos de fumo e cebo, ó soturna cloaca !
A Vida extincta sob uma grandeza opaca...
Nem pomos de ouro, nem cantigas de vindima !

Fumo só. Tédio só. Natureza de luto.
Cinza e betume chove. E em torno se derrama
Todo um acre vapor feralmente corrupto,
Feito de cêrdos e de batrachios e lama...

O corpo é um muito mau pardieiro, bem vêdes !
E por isso também, embora que murmures,
Oh minha alma ! estás presa entre quatro paredes !

Presa ! e dilue-se o mundo ! e nem um sonho ao menos,
E nem festas ! e nem um agasalho algures,
Num leito brando, nuns braços brandos de Venus !...

Borboleta

Ao José Gelbecke.

Hoje, uma borboleta, assim, toda amarêla,
Veiu bater aqui junto à minha janêla.
Olhei. Ella passou. Eu comecei a olhar.
De novo ella passou e tornou a passar,
Tão velludosa e ao mesmo tempo tão inquieta...
Que queria pois aquella borboleta ?
Ia e vinha outra vez, doida, a se debater,
Com ademanes, com tregeitos de mulher...
Era um dia de sol, fino e voluptuoso,
De um grande beijo ideal, de um infinito goso,

De um lindo céu azul, esplendido verão,
E ella a roçar em mim, como uma tentação...
E ella a passar aqui, dentro do seu corpete,
Tão leve, tão sensual, no seu andar coquette,
A subir, a descer de tal modo, Senhor,
Que a mim me pareceu, mas sem tirar nem pôr,
Essas que andam de lá p'ra cá, coquettementemente,
À noite, nos jardins, a seduzir a gente...

Versiculos de Sulamita

I

Hontem, atraz de ti, por essas ruas, toda
Furiosa, caminhei, nesta Jerusalém ;
Mas supondo talvez que eu estivesse douda,
A guarda me espancou e me feriu, meu bem.

II

Vem, Salomão gentil, vem, ó meu rei amado,
Toda a noite passei velando, não dormi
Um instante sequer, de aneio e de cuidado...
Tenho fome de ti, tenho sede de ti !

III

Os meus seios estão mais rijos que uma pêra,
Tumidos de desejo e de suspiros vãos,
Que bom de me fundir, como si fosse cêra,
Ao calor ideal dessas palidas mãos !

IV

Tu dizes, meu amôr, que meu umbigo é como
Uma taça a ferver de espuma e embriaguez ;
Vem beber esse vinho e comer esse pomo,
Vem te embriagar de mim e da minha nudez...

V

Estes labios são teus, estas coxas são tuas,
Vem, ó rei Salomão, meu corpo é todo teu,
Vem devorar aqui as minhas pomas nuas,
O fruto saboroso e acido que sou eu...

VI

Vem, que morro por ti ! Pois mal te sinto e logo
Com a mão a gotejar, como um distillador,
A myrrha, abro-te a porta, as entranhas em fogo,
Rugindo, como si fosse incêndio, de amôr!

Supplica de um fauno

Ao Panfilo d'Assumpção

—Foi neste bosque, olhai, que hontem a mais pomposa
Das lupercaes eu vi. Corôada de rosa,
Dos loureiros em flôr à sombra, que perfuma,
Venus o corpo ideal, mais claro que uma espuma,
Cedeu ao teu furôr, ó Adonis, à tua
Fome, como si fosse uma bacchante nua...

Ebria, a torcer-se toda em delirios de louca,
Myrto rugiu de amôr, a boca em tua boca,
Enlaçada comtigo, ó satyro cornudo,
Sobre essa relva, assim, tenra como velludo...

E que algazarra vã daquella juventude,
Ouvindo Pan soprar na sua flauta rude,
Quando no meio de sussurros e de assombros,
Correu Apollo atraz dos lactecentes hombros
De Leucothéa uivando : eu te amo ! eu te amo ! eu te amo !
Agil, subtil, veloz, como si fosse um gamo...

E que riso cruel, tonitroante e louco,
Quando Vulcano, apparecendo dahi a pouco,
Entre outros braços nus, que não de seu esposo,
Venus veio encontrar delirando de goso...

Correu o vinho a flux. Os sonhos e as chiméras
Coroaram o deos Pan de myrtos e de heras...
Resplandeceu o sol da alegria. A floresta
Echoou, como si fosse o proprio Olympo em festa.

Só eu de quem jamais a duvida se arranca,
Só eu não pude rir dessa risada franca.
Adoro uma deidade, a caçadora Diana,
Mas amar sem ventura é uma batalha insana...

E de fato, não sei que demonio porfia
Entre nós dois, que sendo a unica alegria
Dos meus olhos, jamais lógro o puro desejo
De morrer a seus pés como a onda de um beijo...
Por Jupiter, no entanto eu juro que não posso
Domar este furor, conter este alvoroço...
Por onde quer que eu vá, luz desesperadora,
Eros o coração me enfurece a toda hora
Desses desejos vãos, inquietos e raros,
Que eu nunca vencerei, porque a beleza é fatua...

Assim pois, antes ser um triste cégo, Venus,
Ou possuir então esse prestígio, ao menos,
De poder transformar-me, ó deoses, numa estatua
Mais insensível do que o marmore de Paros !

Um violão que chora...

Ao Nestor Victor

I

Ao Miranda Rosa Junior

Olhos por seu gosto
Não os ponha em flôr
Que lhe causam dôr :
Soffre de os não pôr,
E de os haver posto...

Alma que anda cega,
Si por socegar,
Veiu a se empregar,
Nesse aventurar,
Muito mal se emprega...

Ter os seus cuidados
Todos em mulher,
Tenha-os quem puder,
Que é melhor não ter,
Que os ter enganados.

Amôres são rosas,
Proprias da Illusão,
Rosas em botão,
Que é quando ellas são
Frescas e cheirosas.

Flôr de maravilha,
Perola de Ofir,
Perola a sorrir...
...Ai de quem dormir
Sob a mancenilha !

Damas, meus senhores,
São todas iguaes...
Já porque as olhais,
Nem vos olham mais,
Nem vos têm amôres...

II

Dessa tão ferrenha magoa
De querer vos esperar,
Meus olhos se encheram d'agua
Salgada como a do mar.

Vós promettestes, senhora,
Voltar, um dia, porém,
Esperei, e até agora
Inda não veio ninguém...

Quando viréis ? Não sei. Quando
(O destino tem suas leis)
Vierdes, aqui chegando,
Talvez que não me encontreis...

Mas si me não encontrardes,
O que é natural emfim,
Interrogai estas tardes,
Que hão de vos falar de mim.

Sobretudo este arvoredor,
Que ha de vos dizer: “Eu vi,
Elle passeiava, em segredo,
Todas as tardes aqui.

Passeiava tristonho e mudo,
A pensar em não sei que,
Tão distraído, que tudo
Via como quem não vê...

Andava, não sei, tão cheio
De torturas ideaes...
Um dia o pobre não veio,
E afinal não veio mais...”

III

Ao Rodrigo Junior

Tantas vezes hei sofrido,
Que desta vez conheci
Que tudo ficou perdido
Nas mãos em que me feri.
E é justo que então vos diga
Que a mão que me faz sofrer,
Bem que me devia ser
Amiga, e não inimiga.

Vós me causastes taes penas,
Tão acerbos e tão cruas,
Não só uma vez nem duas,
Porém, senhora, dezenas,
Que eu jamais pude atinar
Com esse vosso querer,
Sempre causando pesar,
Em vez de causar prazer.

Feristes me de maneira
Que me nasceu a ferida,
Por onde me corre a vida,
Bem como uma cachoeira...
Entretanto, é singular
Isto que pois vou dizer:
Quasi que sinto prazer
De me fazerdes penar.

Allegar o bem não ha de
O coração, mas foi tal
A vossa malignidade
Que o allegar não faz mal :
Fui por vós, senhora minha,
O que não fui por ninguém ;
É que à conta vos não tinha
De pagar com o mal o bem.

Eu como um cego suppunha
Que fosses só formosura,
E não afiada unha,
Que dilacera e tortura :
Não pensei que dentro desse
Puro perfil ideal
Pudesse haver e houvesse
Tanto fel e tanto mal.

O poeta é a eterna criança,
Correndo atraz da illusão,
Que lhe foge, e elle não cança
De tanto correr, em vão,
Nessa corrida enganosa
De quem não sabe o caminho...
Ora, crêr se que uma rosa
Deixasse de ter espinho !

Pois tal embriaguez sentia,
Prazeres tão absolutos
Quando eu vos acaso via,
Em horas que eram minutos,
Que bem só entendo agora,
Agora emfim é que eu sei
Que vós não ereis, senhora,
A flôr que eu imaginei.

Tambem daqui por diante,
Isso a mim proprio jurei,
Por mais que o prazer me encante,
Vista jamais erguerei,
Nem para uma outra estrella,
Nem para uma outra dama ;
Pois para que é que hei de erguel-a,
Si tudo que vejo é lama ?

IV

Para o meu coração

Tantos bens ambicionei,
Que por mal dos meus pecados
Nunca os vi realizados
E talvez nunca os verei.
Que, ó meu passarinho verde,
Tanto quizestes e eu fiz,
Que, como por lá se diz,
Quem muito quer, muito perde...

Pensais de mim que sou cego
E que sou doido perfeito.
Mas eu também não vos nego
Ter de vós igual conceito.
Assim os dois ficaremos
Pagos do bem e do mal
Que um a outro nos fazemos,
Mas sem querer afinal.

Vós por me contrariar,
Eu por não vos entender,
Quando me dais um prazer
Logo em seguida é um pesar.
E sempre mal avisado,
Julgais que tudo sou eu,
Culpa do que succedeu,
Quando eu sei quem é culpado...

Tudo muda a pouco e pouco,
Rochedos e vendavaes,
Mas vós, cada vez mais louco,
Meu coração, não mudais.
E assim, o mal como o bem,
Que inda venha a suceder,
Só de vós pode nascer,
De vós e de mais ninguém...

Eu pecco por ser sincero,
E vós por não terdes leis,
Eu já não sei o que quero,
Nem sabeis o que quereis
E não ha como se esqueça,
Por maior esforço vão,
Nem vós da minha cabeça,
Nem eu do meu coração.

Não podemos ser unidos :
Vossos soluços de magoa
Soluçam nos meus ouvidos,
Os meus olhos enchem d'agua.
Separemo-nos os dois :
Por esses caminhos vou,
Já que sabeis quem eu sou,
E eu sei muito bem quem sois.

V

Lá fóra, e à deshora,
A lua branca gira,
Um violão suspira,
Enquanto a flauta chora...

Em vão tu te debruças
Sobre a janéla, em vão...
Flauta, por quem soluças ?
Porque gemes, violão ?

A tua vida é morta,
Ó pobre coração,
A ti que bem te importa
Que alguém soluce ou não !

Um dia, quando já
Não existires, quem,
Quem que se lembrará
De ti ? Talvez ninguém.

No vasto mar, que aneia,
Nesse profundo mar,
De um pobre grão d'areia,
Quem póde se lembrar ?

Que pois a lua gire,
Que o violão soluce,
E um outro se debruce
E palido suspire...

Tu, os ouvidos feicha,
E a tua porta ; a ti
Que importa a flôr que ri,
Que importa aquella queixa?

VI

Fragmentos de alguns versos, que
se fizeram para os Desenganos, de
regresso à terra.

Quando outro dia eu andei
Por esses mares remotos,
P'ra me escapar, e escapei,
Que grandes e ardentes votos
Eu fiz, senhora Sant'Anna,
Que és a mãe, si não me engana,
Mãe dos pobres pescadores,
Dos que vivem a pescar
Os enganos e as dores,
Por essas ondas do mar...

Foi tal a alegria minha,
Salvo nessa embarcação,
Que ergui muitas vezes a alma,
De joelho, a teus pés, rainha,
Como si fosse uma palma,
Que eu erguesse aqui do chão,
Que eu erguesse aqui do lodo,
E tão ebrio de esperança,
Que eu me ria como doudo,
Chorava como criança...

Mal, porém, toquei em terra,
Vieram tamanhos damnos,
Tanta tristeza e revez,
Tanta furia, tanta guerra,
Taes foram os Desenganos,
Tantos, tantos de uma vez,
Que eu que tanto te pedi,
Sob uma estrella tão má,
Antes não viesse aqui,
Antes eu ficasse lá !

VII

Pobre meu coração, aqui, no meu ouvido,
Conta-me tudo, vá, porém baixinho, assim,
Ó pobre Afflicto, que tens subido e descido
Tantas vezes a Dôr, uma montanha, emfim!

Cansado. Bem o sei. E ha pouco inda perdido
Por um caminho que era tragico e ruim,
A mão furada, o pé descalço, e perseguido ;
E que pena de ti, e que pena de mim !

Eu sei de tudo, sei da ultima e da primeira,
E de outras mais, e sei do sangue que rolou,
Tão grande que inundou quasi a cidade inteira...

Mas, Voluptuoso, vê, de resto que mais queres,
Si nem plumas e nem rosas ou malmequeres,
E nem mais uma flôr, e tudo se acabou ?...

VIII

Vamos, meu coração, adormece de todo,
E não acordes mais, que vão te fazer mal;
Nunca, que tudo emfim é esse lodaçal,
E não é nada mais nem menos do que lodo...

Assim dormindo, olhos cerrados, desse modo,
Tua inimiga má e boa e natural,
A tristeza, não vai te perseguir, ó doudo,
Nem a tristeza e nem a alegria afinal.

É o descanso, e um bem, e a paz, emfim, e tudo,
E esse sorriso como flôr, e a embriaguez,
E o leito leve, e perfumado, e de velludo...

E nada, e nada bom, como o doce abandono,
Esse lethargo em que vais caír, a surdez
Desse somno animal, desse profundo somno!

Poemas

Ao Euclides Bandeira

Baucis e Filemon

Ha de a Morte chegar um dia... E pois que bom
Si fosse como a de Baucis e Filemon !

Outono. A tarde vai num carro de velludo,
Lirio, rosa, carmim, e oiro, sobretudo.
A tarde gira, no passeio vespéral,
A luminosa flôr esthetica do Mal.
Zéfiro, vendo-a, em seus vestidos sopra assim
Da flauta rude uns sons de folha de jasmim,
Uns sons de violeta e anemona e açucena,
Uns sons que inda são mais leves do que uma penna,
E tão bons, e tão bons, que ao longe o mar semelha,
A subir e a descer, um rebanho de ovelha...

E os seus vestidos que são alvos como a paz,
Tingem-se de uma côr de sangue de lilaz.
Ó tarde linda, ó tarde linda como Venus,
Tarde de olhos azues e de seios morenos.
Ó tarde linda, ó tarde doce que se admira,
Como uma torre de perolas e safira.
Ó tarde como quem tocasse um violino.
Tarde como Endymion, quando elle era menino.
Tarde em que a terra está molle de tanto beijo,
Porém querendo mais, nervosa de desejo...
Tarde como no dia em que Jupiter loiro,
Por amôr de Danae, desfez-se todo em oiro.
Tarde de se caír de joelhos, por encanto,
E de se lhe beijar a ponta de seu manto.
Ó que tarde subtil ! ó luz crepuscular !
Com rosas no jardim e cysnes a boiar...

Outono lindo, lindo... Ao longo dos caminhos,
Como sempre, elles dois, velhinhos, bem velhinhos,
Inda mais uma vez olham essa paizagem,
Que, por assim dizer, é a sua propria imagem,
Terna como elles e com seus reflexos vagos
De ternura a tremer por sobre a flôr dos lagos...

Paizagem verde, inda mais verde que um vergel,
Com abelhas, com sol, e com favos de mel...

“Que tarde linda, meu amôr, que lindo outono !
Quem me dêra dormir o derradeiro somno ! ”

—“Eu tambem, Filemon,” sorrindo Baucis diz,

“Já estou cansada, vê, de tanto ser feliz ! ”—

“Ó deoses immortaes! ó piedosos céos ! ”

Mal, porém, mal porém tinham falado, quando

Pasmo viu Filemon Baucis se transformando

Numa tilia, tambem ao mesmo tempo que ella

O via converter-se em carvalho, e singela,

Saudosamente, os dois se disseram adeos !

Estatua

... e olhou sua mulher para traz delle:
e converteu-se numa estatua de sal.

O salgueiro chora,
E o vento chora fino no salgueiro,
O vento chora triste... — Um Cavalleiro
(Ia passando sem olhar) olha e demora...

“Ah ! — consigo murmura —
Nestes caminhos lobregos, de joelhos,
Eu caminhei por sobre incendios de loucura,
Num Eden prateado e com frutos vermelhos !

Outr’ora aqui vibrei meus lirios de alvoroço !
A lança de ouro às mãos rutila ! à frente o casco
De ouro a relampejar ! e moço ! e tudo moço !
Ó moço de Damasco ! ó sonho de Damasco !

Turbilhões sensuaes de proserpinas doudas !
Cantharidas em flôr, brancas, morenas, todas
Luxurioso amei ! amei ! Eram tão bellas !
– Ó Poentes de Outono ! ó Luas ! ó Estrellas !

Nuvem, que uma tormenta azulada de beijos
Electriza, lirial nuvem dos meus desejos !
Na minha alma, crueis, dormem fundos espaços,
Cova sinistra ! Cruz Vermelha dos Abraços !

Barco esguio a dançar, carregado de aroma,
Sêda, purpura, arminho e velludo da Persia,
—Leito brando da minha angustia e minha inercia,
Em balanço, ondulando, uma entre mil assoma.

Alva !... não n'a beije !... Minha vida foi como
Em choupos verdes a correr um passarinho.
Para quando guardei o acre, exquisito pomo,
Ó Desejo escarlata ! ó flôr cheia de espinho ?

Ora o Valpurgio !... Só, como espectro de lua,
A Lembrança !... um palôr diluido em folha rubra !
Quando evitar que o tempo o marmore pollua,
E o musgo cresça, e as almas frageis cubra ?

Tudo em perfume se resume, que apunhala,
E a Demencia derrama em aspérges de hysópe !
—Eia pois ! eia pois ! a caminhos de opala !... ”

E o Cavalleiro tóca o cavallo a galópe.

Foge. Um Anjo, porém, melancolico implora...
Chama-o de longe um Anjo : – Olha mais uma vez !
Estas ruinas, ó Cavalleiro, bem vês,
São tua adaga de ouro e teu arnez de outr'ora !—

E era o Anjo a açucena endoudecida no Horto,
E a sua voz luar do Paraíso Perdido !...
Luar de um cirio sobre o azul de um lirio morto...
Luar de Além, do Além, além do Indefinido !...

Olha. Não vendo então que via, por seu mal,
O Nú... mais nú! O Nú de um nú de Apodros nuda !
Um esqueleto nú !...

E eil-o que se transmuda,
—Outra mulher de Loth—numa Estatua de sal !

Azar

Ao Silveira Netto

A galope, a galope, o Cavalleiro chega :
Rei, ó meu bom senhor ! com tua filha cega.

—Hoje, teu adivinho assim traçou no ar :
A fróta d'El-Rei perdeu-se no alto mar !

Eu, ao descer a noite, ouvi cantar o gallo :
Foi a Rainha que fugiu com um teu vassalo.

Teus exercitos, oh ! as bronzeas legiões,
Morreram nos areaes da Lybia como leões !

Nos teus dominios sopra o vento Noroeste :
A mangra, o gafanhoto, a secca, a alforra, a peste.

Uivam ! Lobos ? o Mar ? o Vento ? o Temporal ?
Não. É a plebe que arrasta o teu manto real.

Lá vêm as três, ó Rei, lá vêm as três donzellas...
Tende piedade, meus irmãos, orai por ellas!

Vêm tão brancas dizer que as noras sensuaes
D'El-Rei mataram seus maridos com punhaes.

Tuas pratas, teu oiro, e mais ricas alfaias,
Roubam do teu palacio os famulos e as aias.

Teu diadema, o sceptro, as plumas e os Broqueis,
Em poeira, e sangue, e sob a pata dos corceis !

O povo reza, que doçura ! É bom que reze !
Pela tua alma... Já são horas... Quantas ?... Trêse.

Maldito seja quem Throno nem Reino tem !
Maldito seja o Rei ! Maldito seja ! Amen !

No vinho que te dão, e no teu melhor pomo,
No manjar mais custoso, onde entre o cinamomo,

Na lynfa clara, vê, no leito eburneo, sei,
Nas palavras, no ar, dão-te veneno, Rei!

Ouvem os Arlequins missa, todos de tochas,
E estão vestidos de sobrepellizes roxas.

Resmungam baixo teu nome as velhas, e assim
Queimam em casa, cruz ! a palma e o alecrim.

Estão rezando por ti muitos padre-nossos;
Os cães estão, porém, à espera de teus ossos.

Ó ventos ! ó corvos ! que estaes grasnando no ar !
Eis o cadaver do bom Rei de Balthazar !

Dlom ! dlem ! dlom ! dlem ! Ouve, bom Rei, de serro a serro,
Os sinos dobram, ai ! dobram por teu enterro.

Ó ventos ! ó corvos ! que estaes grasnando no ar !
Eis o cadaver do bom Rei de Balthazar !

Ventos, ó funeraes ! ventos, lamentos roucos,
Ó ventos roucos, ó redemoinhos loucos !

Dlom ! dlem ! dlom ! dlem ! Bom Rei, teus ossos não são teus,
Nem o teu Throno é teu ! Louvado seja Deos !

Nem a tua alma é tua, ó Rei, depois de morto,
Pois demonios estão dançando num pé torto !

Maldito seja quem Throno nem Reino tem !
Maldito seja o Rei ! Maldito seja ! Amen !

E a galope, a galope, o Cavalleiro esguio
Vai pregar a outro Reino : a Doença, a Noite, o Frio!—

Esperança

Entre o Odio e o Amôr, eu vivo a debater-me.
Quando não sangra o Amôr, não ruge o Amôr, porém,
Quando aos pés me não calca o Odio, como um verme,
É o Tedio quem me vê com os olhos do desdém.

E oh ! das mãos desse fauno cupido, eu inerme,
Tal que si fosse uma donzella, uma cecém,
Sentindo que me vão ferir, que vão perder-me,
Tento escapar... Em vão ! O monstro me detém...

Tudo, tudo me causa horror. A vida, emfim,
Como um castello desabou neste momento...
Mas, ah ! que uma mulher passa a roçar por mim...

E eu esquecido já do mal que ella me fez,
Vendo-a sorrir, assim, mais leve do que o vento
Atraz della saí correndo, inda uma vez !

Bruxa

Ao Pereira da Silva

Veuu uma bruxa um dia, e eu,
Que nesse tempo era menino,
Mostrei-lhe a mão : a bruxa leu,
Linha por linha, o meu destino...

Leu tudo, leu, e após, os olhos
Cerrando, exclama : é singular !
Que destino cheio de escolhos,
Altos e baixos, como o mar !

É singular, a bruxa diz,
É singular ; mas, ó criança,
Espera e crê. Serás feliz,
Muito feliz ! Tem esperança !

Olhei a terra, o abysmo, a estrella,
A noite immensa, infindos céos :
“Será mais bella, inda mais bella
Tua sorte, crê ! Serás um deos ! ”

Os annos têm-se succedido
Numerosissimos, porém,
Cada vez mais surprehendido,
Espero o bem e é o mal que vem.

Annos têm vindo de permeio,
Quem fui, de certo, já não sou ;
Às vezes quasi que não creio
No que essa bruxa me contou...

Tudo uma triste mascarada,
Tudo illusão, tudo chimera ;
E pois que já não creio em nada,
Meu coração por que é que espera ?

Que mais espera esse infeliz,
Que inda lhe possa dar prazer,
Si tudo, tudo quanto quiz,
Completamente, hoje não quer ?

Não sei. Porém basta lá fóra
Vibrar um hymno, que sei eu !
Para que logo exclame : é a hora,
É a hora ideal, que floresceu !

E doido, atraz dessa esperança,
Eil-o a correr : pois apesar
De conhecer que não n'a alcança,
Quer ver si a póde inda alcançar...

Cavalleiro

Por esses campos, ligeiro,
Como a luz e o pensamento,
Vem correndo um cavalleiro,
Cabellos soltos ao vento...

Nem à beira do barranco
Nem do abysmo se detém
Aquelle cavallo branco
Que a todo o galope vem.

Ouvindo o doido tropel,
Páram as aguas do rio:
“Donde vem esse corcel,
E o cavalleiro sombrio ? ”

A brisa flebil, a brisa
A vel-o correr: “Olhai,
Não vê onde o cavallo pisa,
Nem p'r'onde o cavallo vai ! ”

Não ouve a dôr, nem o choro,
Nem a tristeza, que sei
Dentro da purpura e do ouro
Do seu orgulho de rei.

A galope, pela estrada,
É como um cego afinal,
Não vê nada, não vê nada,
Nem o bem, e nem o mal.

Ao pé dessa natureza,
Debaixo daquelles céos,
Passa como a realeza,
Como um raio, como um deos !

Tudo para elle é um desejo,
Que arde e scintilla no espaço
Como o relampo d'um beijo,
Como o fulgor d'um abraço.

Doidamente, doidamente,
No meio de temporaes,
Em doido corcel ardente
Galopa cada vez mais.

Galopa. Quasi se perde
O sinistro domador,
Por entre a folhagem verde,
Por sobre os campos em flôr...

Galopa em tal alvoroço
E tamanho orgulho tem,
Que nessa corrida o moço
Não ouve e não vê ninguém...

Corre, corre mais ligeiro
Do que a luz e o pensamento,
Dia e noite, o cavalleiro,
Cabellos soltos ao vento...

A tunica que elle veste,
A tunica auri lavrada,
Tem a côr azul celeste,
Os frisos da madrugada.

Mas olhe, da mesma sêda
Vestido um dia andei eu ;
E pois que lhe não succeda
O que a mim me succedeu !

Versos para embarcar

Ao Virgílio Varzea

Tudo, tudo vai mal, e tudo é uma viella,
E um beco escuro, e um charco immundo, e um triste horror ;
Pois que bom de embarcar, um dia, a toda véla,
E fugir, e fugir, seja para onde for.

Não ha como embarcar. A vida é um navio
Doido, a querer partir, mordendo o pé do cães,
Vélas estão a encher, sopra o nordeste frio,
Quando é que partes, ó navio, quando sães ?

Não ha como embarcar. Do alto d'uma equipagem
Ver o mundo ! correr o mundo ! viajar...
Poder dizer que foi a Vida uma viagem,
Que começou no mar, que se acabou no mar...

Não ha como embarcar. É d'um furor tamanho,
É d'um delirio tal que, embora nunca mais
Se tenha de voltar—como um punhal d'antanho,
A esperança reluz, apenas embarcais...

Não ha como embarcar. Furiosos d'insomnia,
Enervados de dôr, que ancia d'ir para além,
Ó tísicos, morrer aos pés de Babylonia,
Nos muros de Sichém ou de Jerusalém ?

Não ha como embarcar. Para onde quer que seja,
Para o desterro, mil perigos através,
Quando os meseros vão, é como olhos d'inveja
Que eu os vejo partir, de corrente nos pés...

Sempre que avisto o mar com as ondas inquietas,
Sempre que o vejo assim, não sei porque será,
Mas tenho as ambições mais doidas, mais secretas,
Loucuras de poder inda fugir p'ra lá.

À mercê e ao furor das ondas e dos ventos,
Havia de correr o mar que não tem fim,
Como Ulysses ; porém, ó tragicos momentos,
Sem ter uma mulher que chorasse por mim !

De pé no tombadilho, em frente, à minha vista,
Eu veria passar o que não vi jamais,
A não ser através dos meus sonhos d'artista :
—Encarnações febris, diademas imperiaes...

E cegueira ideal e vã de quem se esconde,
E loucura de quem fugiu d'uma prisão,
E doido, sem saber de nada, nem para onde,
A correr, a correr atraz d'uma illusão !

Ó terras de mysterio, ó terras de mantilha,
Ó terras onde o céu é como a flôr de liz,
Quem me déra dormir, folha de mancenilha,
Debaixo de teu manto azul d'imperatriz !

Reinos antigos, ó paizagem de romance,
Como uma rosa que fenece num jardim,
Ah que bom! ah que bom! de vel-os de relance,
Com castellos feudaes, com torres de marfim !

Rainhas como flôr, graciosas donzellas,
Com gestos e com voz que me causam prazer,
Como seria bom que, anciado para vel-as,
Eu as vendo uma vez, não n'as tornasse a ver...

Eu não sei, eu não sei para onde fugiria,
Eu não sei, eu não sei o que ia ser de mim,
Quem me déra, porém, que logo fosse o dia
De poder embarcar e de fugir d'aqui!

Quem déra que fosse hoje ! E enquanto a nau sulcasse
De procelloso mar entre uivos e baldões,
Eu poder, sem terror, olhando face a face
O abysmo, descrever as minhas impressões !

É bem possível que eu, arriscando na sorte,
Notasse que por fim só me saía o azar,
E o diabo, e tudo, e o mais, e tudo, e a propria morte,
E ainda tudo, porém, que ancia de viajar !

A cigarra e a estrella

Ao Figueiredo Pimentel

No bosque uma pobre cigarra vivia,
Cantando, a coitada, de noite e de dia.

Cantava tão cheia de um vivo prazer,
Que feliz não sendo, parecia ser.

Cantava tão leve, tão sonóramente,
Que até parecia mais feliz que a gente.

Cantava cantigas do bosque e d'além,
Que um dia aprendera sem saber com quem...

Mas, em certa noite, por desgraça d'ella,
Tamanha brilhara no céu uma estrella,

Tão grande, tão viva perola d'Ormuz,
De tamanho brilho, de tamanha luz,

Que tudo que amava, tudo quanto d'antes
Fulgira-lhe aos olhos, como diamantes,

Tudo quanto vira e dera lhe prazer,
Hoje não olhava, nem queria ver...

Nem aquelles campos, onde o olhar se perde,
Nem aquellas folhas, nem aquelle verde.

Nem mesmo esses valles, nem os alcantis,
Onde a pobre fôra d'antes tão feliz.

Foi como um delirio de paixão primeira,
Foi uma loucura, foi uma cegueira...

Dentro desse insecto rude dos paues,
Houve como um sonho de amplidões azues...

Foi como si d'essa região suprema
Lhe descesse um aureo, régio diadema...

Foi como si um manto de uma maciez
De plumas descesse sobre a sua nudez...

Ficou deslumbrada, ficou de tal jeito
Que mais parecia com um doido perfeito.

Teve tal delirio cego, que apesar
De viver alegre, vivia a chorar.

Ella que era pobre, como uma cigarra,
Tocando de noite e de dia a fanfarra,

Ella que não tinha de seu um real,
Que passava fome, que vestia mal,

Daria orgulhosa, para ser querida,
Tudo quanto tinha, coração e vida.

Aquelles castellos, com braços reaes
De orgulhos antigos, que não morrem mais.

E durante a noite palida, estrellada,
Ambas conversavam, sem dizerem nada.

Conversavam juntas e unidas, assim,
Ambas debruçadas sobre um varandim...

Como si a existencia fosse um cysne doce,
E o universo um lago murmurante fosse...

Nem tudo na vida são rosas, porém :
Si ha rosas, de certo, logo espinhos vêm...

No meio dos sonhos e da primavêra,
O inverno chega, ruge e dilacéra...

Aparece o inverno, bem como um leão,
Entre as ovelhinhas brancas da illusão.

Assim, muitas vezes, tal desesperança
Feria a cigarra com espada e lança,

Que ella até pensava, triste de uma vez,
Fazer o que Safo certo dia fez...

Que suspiros flebeis! que profunda magoa !
Os seus grandes olhos enchiam-se d'agua.

A illusão morria triste, sem um ai,
Como a gloria morre, como a folha cãe.

Realmente, como donde a gente brilha,
Sobre tanta coisa, tanta maravilha,

Poderia um astro ver um fanfarrão,
Que só tinha pennas de imaginação ?

Quem era esse insecto triste e sem valor
Para ser amado, para ter amôr ?

Tão cheio que fosse da sua cantiga,
Valia o coitado menos que a formiga,

Porque ao menos esta não tem fome, nem
Frio, nem sêde, como aquelle tem...

Porém a cigarra, como a alma do povo,
Si chorava agora, ria-se de novo.

Ria-se de tudo, de tudo que não
Fossem as loucuras do seu coração.

Pois sempre lá dentro d'alma de quem soffre,
Guardados no fundo doirado de um cofre,

Ha effluvios tão vagos, horas tão subtis,
Que por mais que a pobre fosse uma infeliz,

Logo que se via como que possuida
Dessa onda nervosa de goso e de vida,

Tamanha doçura sentia e embriaguez,
Que esquecia tudo, doida de uma vez.

E o estridulo canto tinha o colorido
De um amôr que sabe que é correspondido...

Assim, que importava que essa brisa, em vão,
Em vão suspirasse que era uma illusão ?

Que importava a ella que, triste ou risonho,
Tudo quanto via fosse apenas sonho ?

No meio das ondas furiosas do mar,
Felizes aquelles que andam a sonhar !

Esse aroma doce, que a deixava langue,
Custava-lhe a vida, custava-lhe o sangue,

Custava-lhe tudo que tinha afinal ;
Mas que sonho lindo, que paixão ideal !

Bem comprehendia que, passando o outono,
Dormiria logo seu ultimo somno ;

Mas que bom ao menos de poder dormir
No meio de puras perolas d'Ofir...

Via-se torcida dentro de uma grade,
A prisão de ferro chamada anciedade ;

Via-se encerrada dentro do pesar
Como numa torre, sem poder voar ;

Porém que loucura mais rara e mais bella
Do que esse delirio de amar uma estrella ?

Felicidade

Ao Gonzaga Duque

Quem me dêra que uma vez, em meu caminho,
Eu enlevado a visse pelo luar,
E tal como si fôra um passarinho
Verde, nos verdes ramos a cantar...

Eu deixaria o meu socego, tudo,
Sairia como um cervo, mais veloz,
Para seguir seus passos de velludo,
Seu rastro, seu perfume, sua voz...

E seguiria, cada vez mais bella,
Por onde quer que fosse, e onde quer,
Cada vez mais enamorado della,
No encalço dessa flôr, dessa mulher...

Embora fossem duros os caminhos,
Com que transporte, com que doce amôr,
Eu pensaria que eram só arminhos,
Que eram velludos, que eram como flôr...

E que esperança doce, e que esperança,
Nunca teve o mundo encanto igual :
Eu a correr atraz, como criança,
Dessa, que corre e foge, por meu mal !

E tal o meu ardor, a minha vida,
Tal o delirio vão, tal o prazer,
Que si mais longa fosse essa corrida,
Mais desejos tivera de correr...

Tão enlevado, pois, tão enlevado,
Que quando dêsse acordo um dia em mim,
Quando eu olhasse, já tivesse dado
A volta ao mundo, embriagado assim...

Seria uma cidade, que eu não vira,
Com tantas torres brancas para o ar,
Cidade d'oiro antiga, de saphira
Batida pelos ventos, pelo mar...

Seria um sonho de cair de giolhos,
A soluçar, a soluçar em vão,
Por seus cabellos lindos, por seus olhos,
Por seu perfume, pela sua mão...

Seria um sonho ardente, um sonho lindo,
Nunca mais, nunca mais teria fim,
Eu a chamal-a vem! e ella fugindo,
Eu, doido, doido, ella, a chamar por mim...

Eu nunca saberia d'onde ella vinha,
Nem quem era tambem jamais, e nem
Si era uma pastora ou uma rainha,
Si era uma rosa, um sonho, ou uma cecém...

Ella seria um astro, a realeza,
A encarnação de tudo que aspirei,
O pão da minha fome de belleza,
O meu orgulho, a purpura d'um rei...

Tal a belleza, o estase, o abandono,
Que tivesse desejos, mas crueis,
De dar-lhe um reino, pôl-a sobre um throno,
E eu assim, desesp'rado, sob seus pés...

Haviam de passar annos e annos,
E sempre, sempre ella a me seduzir,
A embriagar-me sempre com os enganos,
A musica de perolas d'Ophir...

A minha vida toda pouco amena,
Antes fanada como folha vã,
Floresceria mais que uma açucena,
Mais que uma rosa verde da manhã...

No encalço dessa flôr, dessa donzella,
O lirio e o valle e o serro e o mar e eu,
Fugiríamos todos atraz della,
Envolvidos na tunica d'Orpheu.

E que doçura unica, que doçura
Feita de manto e purpuras reaes,
E essa paixão, crescendo, e essa loucura
Os braços a estender cada vez mais...

E que delirio vão ! e que delirio
De eu a querer, de ancian por sua nudez,
Como si aquelle corpo fosse um lirio,
Que se beijasse todo d'uma vez...

Oh que sorriso leve ! que anciedade !
Todo um furor banal de ser feliz,
De me abraçar comtigo, Felicidade,
De te beijar, mulher que me não quiz.

Oh que sorriso mágico ! que enleio !
Que bom ! que bem ! nunca pensei, cruel,
Que houvesse assim no mundo tanto aneio,
Reinos tão lindos, doces como mel...

E que florido céu ! que anciã ! que vago
Som mavioso ! que luar ! que flôr !
Eu dormiria ao fundo d'esse lago,
Abraçado comtigo, meu amôr...

Tudo feneceria, como a estrella,
À luz forte, hyperbolica do sol,
Como fenece uma rainha bella,
Um sonho bom, um lirio, um rosinol.

Tudo adormeceria o mesmo somno,
Tudo por terra havia de rolar,
Como um fino crepusculo d'outono,
Como uma torre gothica do luar.

Flôres, flôres do mal, uma por uma,
E cavalleiro, e dama, e olhos fataes,
Mãos divinas, mãos leves como pluma,
E gestos lindos, gestos imperiaes,

Tudo se acabaria, ó luz tranquilla,
Ó illusão dulcíssima ! ó illusão !
E eu sempre com a esperança de possuil-a,
Mas sem tocar-a nem sequer com a mão...

Coração livre

Ao Augusto Rocha

Ah que enfim se rompeu o ergastulo sombrio,
Onde estiveste preso, ó passaro erradio !

Rompeu-se o espesso véo dessa brutal prisão,
Onde choraste, mas de dôr, mas como um cão.

Livre agora, porém, de tudo, sim, de tudo,
A esse carcere azul, carcere de velludo,

Mas carcere cruel, que te fez tanto mal,
Não tornes nunca mais, ó vagabundo ideal.

Não tornes nunca mais, e nunca mais te illudas,
Ao tragico furor dessas coleras mudas,

A esse enojo, afinal, que tanto odio te fez,
O incoercivel horror banal da fixidez.

Livre. É poder fugir por esse mundo a fóra...
Quem mais feliz que tu, meu coração, agora ?

Livre. O espaço é teu, é teu todo esse ar :
É somente bater as azas e voar...

Segue essa curva azul. É o caminho mais recto,
Ó nomade febril, ó trovador inquieto !

Livre por condição e por indole, tu
Nascestes para ser como um selvagem nú.

Um selvagem, porém, que tem paixão por astros,
Estatuas, capiteis, columnas e alabastros...

Quanto me sinto bem, e como é bom saber
Fugir assim, batendo as azas de prazer !

Ser livre para mim é tudo quanto eu amo :
Não ha como poder saltar de ramo em ramo.

Não ha goso melhor, seja lá como fôr,
Do que esse de voar de uma para outra flôr.

Nem orgulho maior e nem gloria tamanha
Que o delirio de andar de montanha em montanha !

Olha. Não pares no teu caminho, a não ser
Só para olhar o que fôr digno de se ver.

O que tiver o dom soberbo de arrancar-te
Numa explosão sincera as lagrimas com arte.

Segue. Na fonte em que beber a ovelha, em paz,
Com as tuas proprias mãos, tu tambem beberás.

E a arvore sob a qual dormires o teu somno,
Ha de dar-te abundante os seus frutos de outono.

E que perfume bom ! Que embriaguez assim
Por esse vasto céu, por esse azul sem fim !

O dia é uma canção de luz maravilhosa,
Que se pudesse ouvir cantar por uma rosa...

Segue pois, segue pois, sem saber onde vais...
Nomade, o teu destino é esse e nada mais !

Lied

Ao Julio Prestes

Num cavallo branco, valles e barrancos,
Caminha p'ras guerras em tempos de paz
Plumas todo verdes, lirios todo brancos...
— Cavalleiro, não vás!

Cavalleiro andante (fulgem armaduras!)
Galopa, galopa, sob estrellas más.
Vai correr o Mundo pelas aventuras...
— Cavalleiro, não vás !

Cavalleiro fino como um argueiro,
Com espada d'oiro, rico falbalás,
Cabelos ao vento — Palmas ! — Cavalleiro !...
— Cavalleiro, não vás !

Cavalleiro triste (ceifa a lua nova)
— Que é da sua dama ? Que é do seu gilvaz ? —
Entra p'los salgueiros caminho da cova...
— Não direi que não vás !

A fome de Erisichton

Meu coração é como esse infeliz que um dia
Céres, p'ra o castigar, deu-lhe fome roaz,
Deu-lhe uma fome tal que quanto mais comia,
Mais queria comer e não ficava em paz.

Era a fome canina, era o horror e a furia,
De tal maneira que todos os bens vendeu,
E reduzido emfim a uma extrema penuria,
Vendeu o que era seu o que não era seu...

Desesperado até veio a vender a filha
Metra, que era, porém, uma estrella polar,
Tinha a virtude ideal, possuía a maravilha,
O dom de se poder metamorphosear...

Logo, logo que o pae conseguia vendel-a,
Mal se via nas mãos do seu possuidor,
Transformava-se em flôr, ou então em cadella,
Em passaro, em veado, em boi ou em pescador.

Mas a fome cruel daquelle esfaimado
Uivava como os cães, os lobos e os chacaes,
Nem bem tinha engulido o ultimo bocado,
Sangrando de desejo, ella pedia mais...

Davam-lhe de comer, porém, doentia e louca,
Queria devorar o mundo de uma vez,
O olhar como um demonio, escancarada a boca,
Tomada de um furor bestial de embriaguez.

E tanto desejou, afinal, e tanto ella
Pediui, e soluçou, e ambicionou, e quiz,
Que não havendo mais com que satisfazel-a,
Deu em se devorar a si proprio, o infeliz !

Gloria

Ao I. Serro Azul

Quando um dia eu descer às margens desse lago
Stygio, onde Charon, mediante uma parca
Moeda de estanho vil ou cobre, que eu lhe pago,
Ha de me transportar numa sombria barca...

Quando sem um signal, sem uma prova ou marca
De afeição, eu me fôr por esse abysmo vago,
Vendo que sobre mim funebremente se arca
O céu, e junto a mim esse Charon pressago...

E envolvido na mais completa obscuridade,
Abandonado, e só, e triste, e silencioso,
Sem a sombra sequer do orgulho e da vaidade,

Eu tiver de rolar no olvido, que me espera,
Que ao menos possa ver o palacio radioso,
Feito de louro e sol e myrto e ramos de hera !

Oh que ancia de subir hoje mesmo a Montanha !

I

Sangue e lodo
E podridão,
O mundo torcia-se todo
No meio da immundicie e da dissolução...
Carnificina,
Crimes os mais vis,
Com Messalina
Feita imperatriz.

Por toda a cidade
Eram vozes roucas,
Uivando, por milhões de bocas,
Os uivos tristes da ferocidade.
Dentro desse horizonte,
Sem uma linha ideal,
Sem uma ponte
Para passar além daquela bacchanal,
Todo o mundo entendia que viver
Era gosar apenas a nudez
D'essas mulheres núas,
Aquelle vampirismo,
Aquelle sodomismo,
Aquelle furia doida de beber,
De se torcer de bebado nas ruas,
De se enterrar no lodo d'uma vez.
A immundicie foi tal
Que os dois eram irmãos, o bem e o mal...

Mas no meio daquella escuridão
Em que andavam todos de rastros,
Olhando para o chão,
Sem poderem erguerem os olhos para os astros,
Almas sentimentaes,
Miserrimos galés
Dessas prisões da Vida,
Immundas enxovias,
Tinham ancias brutaes,
Desesperos crueis, loucas melancolias
De inda poder achar uma saída...
E no meio da magoa que sobrevinha,
Os corações se abriam de repente,
Como janélas se abrem à noitinha,
Silenciosamente,
Na esperança de ver bruxolear,
De longe, embora, ao menos,
Mais doce do que Venus,
A luz crepuscular...

Mas sem parar, os annos iam por ahi,
E não chegava nunca a hora desse prazer
Que cada qual sentia dentro em si,
Porém sem poder ver...
E damnos e gemidos
Cresciam cada vez mais ;
E o odio dos feridos
Era como si fossem uivos de animaes...

II

Um pastor, porém,
Com o olhar profundo,
Como todo o mundo,
Que andava em Belém,
Tocando o rebanho
Com o seu bastão,
Uma noite olhou,
E viu, de repente,
Um brilho tamanho,

Um brilho tão doce,
Tão suavemente,
Que elle imaginou,
Que nada mais fosse
Do que uma illusão.
Mas, quanto mais via,
Quanto mais olhava,
Mais lhe parecia
Que a luz augmentava,
Maior que uma estrella,
E de tal maneira,
Que elle deslumbrado,
Doido para vel-a,
Saíu de carreira
Por aquelle lado.

Vendo-o partir, os valles e as montanhas,
Ó que suave musica fallaz !
E as arvores e as flôres mais estranhas,
Tudo saíu logo correndo atraz...

Dentro daquella noite assim tão erma,
Daquella noite doce de luar,
A velhice esqueceu de que era velha,
A enfermidade, de que estava enferma,
E todos com o ar de quem se ajoelha,
Iam como a sorrir e a sonhar...

Era uma gloria, um lirio, o encantamento,
A embriaguez, o goso, a essencia rara,
Cada vez mais formoso o firmamento,
A noite, a noite cada vez mais clara...

Era o milagre e o sonho entrelaçados,
Como se fossem rosas, como palma :
Erguiam-se do leito os entrevados,
Os cegos viam com os olhos d'alma...

A natureza, estremecida e bella,
Despertava com essa languidez,
Com esse olhar macio d'uma donzella
Que amasse emfim pela primeira vez...

Era um sussurro harmonioso em tudo :
Os astros eram como um sorvedoiro,
Nos caminhos, mais doces que velludo,
Caíam folhas como se fosse oiro...

O mundo quasi que a rolar de podre,
O mundo todo cheio de piolhos,
Transbordando de vinho como um odre,
Coberto de gafeira até os olhos,

Levado pelos ventos da esperança
Aos serros invios e aos alcantis,
Tinha sorrisos leves de criança,
Exaltações, e sonhos infantis...

Dentro d'aquella tunica estrellada,
Da tunica de prata do ideal,
Ia sorrindo sem pensar em nada,
Sem se lembrar do bem e nem do mal...

No meio das estradas infinitas,
Dentro d'aquelle manto azul infindo,
De umas nervosidades exquisitas,
Ia como num sonho, ia sorrindo...

Podiam atiral-o sobre brasas,
Às bestas-féras, aos leões, d'um salto;
Que lhe importava, si agarrado às azas
Elle voava cada vez mais alto ?

Que lhe importava, a elle, o horror da magoa,
A agonia da forza e a propria cruz,
Si através dos seus olhos cheios d'agua
Via se abrir o céu banhado em luz ?

Que lhe importava a lama e o ódio profundo
Com que o feriam, si elle tinha fê,
Se elle sabia despresar o mundo,
Se elle, caíndo, ia cair em pé ?...

III

No meio do furôr e do meu desengano,
Quando será também que ha de romper-se o véo,
Para mim, que sou, mais do que o povo romano,
O homem luxurioso, e o verdadeiro incréo ?

Quando essa luz virá, que às vezes, como um beijo,
Como o fremito azul d'uma invisível aza,
De uma ancia, que sei eu, d'um secreto desejo,
Eu sinto palpitar e quasi que me abrasa ?

Quando ouvirei dizer : — É por ali o caminho !
P'ra o subires, porém, é uma lucta vã,
Tens de sangrar as mãos e os pés naquelle espinho,
E acreditar de tarde e descrer de manhã !

Nessa estrada não ha, não ha sinão pesares,
Uivos de fome e dôr, e feras, e ladrões,
Que depois de arrancar-te o oiro que carregares,
Hão de rir-se de ti e dessas illusões...

E é além d'aquelle mar, e além d'aquelle abysmo,
E dos ódios brutaes, e ainda talvez
Além d'aquelle horror, e d'aquelle egoismo,
E ainda além, e ainda além de tudo quanto vês...

Terás de recurvar, às vezes, como um vime,
Essa espinha dorsal tão dura e inflexível,
Para poder subir a escada do Sublime,
Para poder chegar até o Inexprimível.

Terás de te bater com o máximo denodo,
Tomado de paixão, de colera, de furia,
Gladio nas mãos, assim como um artista doudo,
Contra o Pecado vão e a incoercível Luxuria...

Tens de arrancar do seio o esplendido Desejo,
Sem piedade e sem um suspiro sequer,
Como um troféu, como uma gloria, como um beijo
Calcando sob os pés o amôr dessa mulher...

Tens de vencer, escuta, as coleras mais cegas,
O Enojo, e o Pavor, teu camarada antigo,
O Desanimo e a Dôr, a que tanto te entregas,
E a Duvida, por fim, teu peor inimigo...

Tens de arrastar na lama o manto de velludo,
E esgotar d'uma vez essa taça de fêl,
E ver cair por terra o teu orgulho, e tudo,
A purpura, e a lança, e a espada, e o broquel...

Si o puderes vencer, porém, chegando lá,
Tua alma ha de fulgir, mas d'uma luz tamanha,
Batendo de prazer, teu coração crerá !... —

Oh que ancia de subir, hoje mesmo, a Montanha !

Punição do hereje

Ao Leite Junior

Foi no anno de mil setecentos e trêse,
No meio do esplendor de vasta diocese.
Perante o tribunal da inquisição feroz,
Ninguém ousava erguer os olhos nem a voz.
Era tal o terror, então, que só de vel-o,
O sangue dos heróis se transformava em gelo.
Tempos nefandos de catastrophe moral,
Dos holocaustos e do veneno e punhal.
A vileza, a traição, a vergonha e o crime,
Tudo para servir a igreja era sublime.
Para a louvar, enfim, para a satisfazer,
Toda abominação era um grande prazer,
Um prazer ideal, um prazer infinito,
Insaciavel, mau, diabolico, exquisito...

Ora, morava ali, quasi à beira do mar,
Um moço, um fazedor de castellos no ar...
Tinha uma velha mãe e uma joven esposa,
Que era como si fosse o aroma de uma rosa.
E viviam os três numa tal união
Como três almas a bater num coração !
Ellas, mettidas em locubrações tamanhas,
Dia e noite a tecer como duas aranhas,
Teciam com amôr, com singeleza e com
Arte, o linho ideal, o linho puro e bom.
Elle, sempre febril, mas de aspecto risonho,
No marmore do verso ia gravando o sonho...
Mas com tal limpidez e com uma graça tal
Como um raio de sol que ferisse um cristal.
E por isso tambem lhe corriam as horas,
Por esse vasto azul, magnificas, sonoras,
Bem como um collar de pérolas a cair,
Perolas do Ceylão e perolas d'Ofir...

O tribunal, porém, da inquisição não via
Com bons olhos crescer essa aguia que subia...
Causava-lhe temôr, assombrações até,
Que elle tivesse genio e não tivesse fé.
Mas a imaginação dos filhos de Loyola,
Arrastando o bordão, de burel e sacola,
Para fazer o mal terrivel e subtil,
É mais fertil talvez e maior que o Brasil.
E pois, quando passava em certo dia pela
Rua a joven mulher formosissima, ao vel-a,
Um abbade a chamou pelo nome. Ella, assim
Interpellada, olhou: “Que desejas de mim ? ”
O abbade era um senhor poderoso, que tinha
A ventura de ser o amante da rainha.
Tinha de D. Juan a maneira cortez,
O olhar, o gesto, a voz, o manto e a languidez.
Com o pulso de Sansão e a garganta de Baccho,
Era gordo e taul, insolente e velhaco.
Tinha essas frases vãs, que sempre uma mulher
Acolhe com desdém, mas ouve com prazer.

Quando o sangrava o amôr, um ferrão que aguilhõa,
Era o abbade Manuel a luxuria em pessõa.
Mas, sem medo de errar, tambem direi, que então
Era o esteio da igreja e da religião.
“Que desejas de mim, senhor abbade ? ” — “Filha,
O nosso encontro aqui foi uma maravilha.
Eras a ovelha ruim, que ia se desgarrar,
E eu fui, por bem dizer, teu anjo tutellar.
Pude agarrar-te, por um fio de cabelo,
Que por signal é de um louro acendrado e bello...
Intervenção talvez daquelle que nos céos
Tudo vê, minha flôr. Foi o dedo de Deos.
Hoje, pela manhã, relendo teu marido,
Eu comigo pensei: eis um homem perdido !
Symbolico, através do symbolo, porém,
Elle diz o que quer, e à cabeça lhe vem.
É o inimigo, pois, mais duro e mais violento
Que investe contra nós, porque elle tem talento.
Mas é um doido tambem, um pobre doido, que
Não sabe contra quem está lutando, crê...

Tenho pena de ti, mas uma enorme pena,
Tu não deves seguir esse maluco, Helena,
Fui eu quem te benzeu na pia baptismal,
E os santos oleos poz e a pedrinha de sal...
Contra aquelle que o mundo e as cousas todas rege
Esse doido te quer arrastar. É um hereje.
Vamos, foge do mal, foge da tentação,
Entra naquella igreja e faze a tua oração. — ”
A moça, erguendo o olhar, limpido como a estrella,
Feriu o abade assim, nervosamente bella :
“Si meu marido é hereje, eu não o sei, porém
Posso affirmar, senhor, que elle é um homem de bem ;
Que é incapaz de fazer o que fazeis agora,
Encontrando na rua uma pobre senhora...
Nunca me prohibiu de ir à igreja, bem sei,
Mas onde elle não fôr, eu tambem não irei.”
E inclinando de leve a formosa cabeça,
No seu passinho curto ella seguiu de pressa.
Findava a luz do sol, como uma guerra em paz,
Toda vestida assim de um rôxo de lilaz.

Quando Helena chegou à casa, disse tudo.
O marido cingiu a blusa de velludo,
A espada ; a mãe, porém, interveiu : que não,
Que não fizesse tal, não havia razão,
Quem o dissera foi aquelle doce guia :
Não havia razão... É porque não havia!
Elle, cuja cerviz ninguem ousou curvar,
De sua mãi bastava o mais simples olhar...
No outro dia, porém, quasi ao romper da aurora,
Vieram-no chamar: que fosse sem demora...
Sem saberem porque, despedindo-se os três,
Choraram, como si fosse a ultima vez.

Elle foi posto, sem piedade nem magoa,
Dentro de calabouço escuro, a pão e agua.
O cabello cortado à escovinha e os pés
Algemados, assim como os pobres galês...

Mas, um dia, através daquella estreita grade,
O perfil lobrigou asqueroso do abbade,

Que lhe disse: “Tu és de uma injustiça atrás,
De uma injustiça vil para com todos nós.
Embora penses tu e a mocidade clame
Que sou mau e traidor e rancoroso e infame,
No fundo sou cristão e sou filho de Deos :
Sei perdoar, não sou como vocês, atheos !
Todo perdão, porém, sómente frutifica
Quando ha luz e calor e a natureza é rica.
Assim, ó meu irmão, sobretudo é mistér
Que haja arrependimento em ti e tua mulher...
Que ambos saiam do mal criminoso e tamanho
Como as ovelhas que tornam ao seu rebanho.
Foi pela penna que te perdeste, pois é
Com a penna que farás a profissão de fé...
Para traçal-os já com brilho, esses poemas,
Depressa mandarei arrancar-te as algemas...
Mas teu crime maior, tua condenação
Sobretudo provém dessa irreligião,
Que tu levaste ao lar, ao coração da esposa,
Que não tem mais amôr nem fé religiosa...

Tremulo de remorso ante o teu creador,
Confessa o teu orgulho e abate o teu furor.
E antes que desça, pois, como um fogo que arde,
A ira do Senhor, que desce cedo ou tarde,
Possas remediar esse peccado vil,
Insidioso, mau, captivante e subtil,
Fazendo que essa flôr, cuja doçura alveja,
Torne como um cordeiro ao seio bom da igreja :
Que chorando de dôr, de vergonha e pesar,
Venha hoje mesmo aqui para se confessar.
Quero vel-a tremer, quero ter esse goso,
Aos pés daquelle que é pai todo poderoso ! ”
E calou-se, entreolhando o prisioneiro... Em vão...
Este a rugir de dôr só respondeu-lhe : cão !

Mas dessa hora em diante, ó céu piedoso e justo,
Transformou-se a masmorra em leito de Procusto,
Em dilacerações barbaras de punhaes,
Carnificina atrás, ugolina e secreta,
Mais aguda do que si fosse uma lanceta...

Para lhe mitigar a sede mais cruel,
Faziam-no sorver taças cheias de fêl.
Entre sussurros e mysticos padrenossos,
Trituravam-lhe a carne e quebravam-lhe os ossos...
De tal modo que em breve esse pobre infeliz
Não foi menos nem mais do que uma cicatriz,
E nem menos nem mais do que um triste esqueleto,
De longas mãos febris e de olhar inquieto...

Vendo o verdugo, emfim, numa dessas manhãs,
Que as torturas brutaes não tinham sido vãs ;
Vendo que finalmente a luz dessa candeia,
Sob o vento feral da morte bruxoleia,
Como um requinte mau, jesuitico, feroz,
Alçando o olhar, erguendo as mãos, erguendo a voz,
Elle fala do céu, triunfalmente bello,
Lembra que a vida é um sonho, e a morte um pesadelo ;
E antes que de uma vez se apagasse essa luz,
Deu-lhe para beijar o corpo de Jesus.

O moribundo olhou o palido rabbino,
Esqueletico, nú, macerado e divino :
“Sei que foste, Jesus, uma espada em favor
Da justiça, do bem, da luz e do amôr ;
Hoje, porém, estás do lado do carrasco,
Dos que me fazem mal, dos que me causam asco :
Não te posso querer, sincero como sou ! ”
E virando-lhe a face, em verdade expirou.

Canção do Diabo

Aqui, um dia, neste quarto,
Estava eu a ruminar,
Mas como um ruminante farto,
O tédio amargo, o atrás pesar...

O vento fôra pela noite,
Demonio que blasfema em vão,
Cortava rijo como o açoite,
Uivava triste como um cão.

Eu meditava quanto a vida
Me foi cruel, me foi cruel :
Suppuz que fosse uma bebida
Doce, mas foi veneno e fel !

E, sobretudo, que acto breve
Dessa tragedia para rir...
Quando de leve, pois, de leve,
Senti a porta se entreabrir...

O quarto todo illuminou-se,
Mas de uma claridade tal,
Como si fosse dia, e fosse
Dia de festa nupcial.

E um vulto, bem como um segredo,
Mais bello do que uma mulher,
Sorriu-me assim : “Não tenhas medo,
Eu sou o archanjo Lucifer.

“Tremulo de um pavor covarde,
Fugiste-me sempre, porém
Sabia eu que, cedo ou tarde,
Serias meu, de mais ninguem.

“Que, ó meu querido, e pobre artista,
Todo a fazer teu proprio mel,
Tu sempre foste um diabolista,
Um anjo mau, anjo revél.

“Ora, fugiu-te a primavéra,
E os derradeiros sonhos teus :
O céu, a mais banal chiméra,
Teu proprio Deos, teu proprio Deos.

“A sorte, mesmo, a prostituta,
Inda mais núa que Laís,
Funambulesco ser, escuta,
Quiz todo o mundo ; e a ti não quiz.

“O seio abriu, que tanto exhala,
Ao proxeneta e ao ladrão ;
A ti, porém, indo beijal-a,
A femea torpe riu-se : não !

“Teu coração, alma anciada,
Teu coração, como um Romeu.
De tanto se bater por nada,
Não sei como inda não morreu.

“Teu coração, um catavento,
De cá p’ra lá sempre a bater,
Só encontrou o enervamento,
E a masc’ra do falso prazer.

“As damas, bem como um cavallo,
Sobre esse coração d’abril,
Passaram, quasi sem olhal-o,
Nem abraçal-o, poeta subtil.

“Ninguém te amou, nem pôde amar-te,
Nem te entendeu, ser infeliz,
Mas eu, ó triste lirio d’arte,
Sempre te amei, sempre te quiz.

“O teu furor pela beleza,
Indiferente ao bem e ao mal,
Desoladora guerra accesa,
E sobretudo odio infernal ;

“A tua esfaimação de oiro,
A sede de subir, subir,
Além daquelle sorvedoiro
D’astros e perolas d’Ofir ;

“O orgulho teu, furioso grito,
Luxuriosamente cruel,
Crescendo para o infinito,
Como uma torre de Babel,

“Orgulho infindo, orgulho santo,
E diabolico, bem sei,
Que tanto horror tem feito, tanto,
Ah! eu somente o escutei.

“E disse : aquelle é meu, aquellas
Magoas cruéis são minhas, eu
Vou levantal-o até as estrellas,
Até a luz, até o céu...

“Vou lhe mostrar reinos de opalas,
Tantas cidades ideaes,
Que ha de querer talvez contal-as,
Sem as poder contar jamais.

“Vou lhe mostrar torres tão grandes,
Torres de ouro e de marfim,
Cem vezes mais altas que os Andes,
Tantas, tantas, que não têm fim.

“E toda a glória minha, toda,
A elle, cuja imaginação
Inda é mais rica e inda é mais douda
Do que a do proprio Salomão.

“Vendo-o descer a encosta rude
Dos annos maus, o elixir
Eu lhe darei da juventude,
Que o faça rir, que o faça rir...

“Que é só bebel-o, e embora exausto,
Embora quasi morto já,
O triste e magro doutor Fausto
Reflorirá, reflorirá !

“E ha de subir comigo, um dia,
Ha de subir comigo, a pé,
Por essa longa escadaria,
Que sóbem só os que têm fé.

“E eu, o flagello, eu, o açoite,
Eu, o morcego, o diabo, cruz!
Estranho principe da noite,
Hei de inundal-o só de luz !

“Hei de lhe dar uma tão rara
Virtude, que baste elle olhar,
Basta querer sómente, para
Que o vento acalme e a voz do mar.

“E hei de fazel-o de tal modo,
De tal fluidez, que elle por fim,
O ser humano, o limo, o lodo,
Se torne bem igual a mim.

“E tudo só para offuscal-o,
P’ra encantal-o, tenho, e lhe dou:
A minha espada, o meu cavallo,
A minha gloria... E aqui estou.”

Olhei. Brilhava-lhe na fronte
A estrella d’ouro da manhã,
Como num limpido horizonte :
— Eu serei teu irmão, Satan !

Entre essa irradiação

Ao Emilio de Menezes

Entre essa irradiação enorme, que palpita,
É possível que um dia, eu, palido, a encontrasse,
Como a sonora luz de Venus Afrodita,
Em meio do caminho, os dois, e face a face...

E que allucinação e que febre exquisita,
Que cegueira de amor e que ilusão fallace,
Quando esse girasól, para a luz infinita,
Cá de dentro de mim, então, desabrochasse !

Seriam negros ou doirados os cabellos ?
Junto daquela flôr, tremeria de zelos ?
Não tombaria morto aos pés desse prazer ?

Os olhos de que côr ? Não sei. Porém supponho
Que seriam assim tão grandes como um sonho...
Mas já passei a vida, e não a pude ver !

Uma carta

— Eu te escrevo esta carta, in extremis, Maria,
Deitado aqui por sobre um catre d'hospital,
O corpo exangue, os pés gelados, a mão fria,
E reflectindo bem, não sei si faço mal.

Tu te recordas, pois, dessa tarde ? Eu me lembro
De tudo. Foi ao pé de uma giesta em flôr...
Eu te beijei as mãos, o cabelo... Dezembro
Ardia, enquanto nós mudavamos de côr...

Como sabes, parti noutro dia, bem cedo.
Era preciso ter um nome ! Eu me alistei
Entre os que iam talvez morrer nesse degredo,
Em defesa da patria e em nome de seu rei.

Nunca corri no campo o veado ou a lebre,
E nem mesmo atirei uma simples perdiz,
Mas quando entrei na luta, eu me bati com febre,
Bati-me como um bravo, e saí-me feliz.

No meio da reféga e da fumaça espessa,
Num crepusculo de betume e vermelhão,
Fluctuavas sobre mim, sobre a minha cabeça,
Como si acaso fosse o proprio pavilhão.

Dentro em pouco, tambem, o meu perfil tamanho
Destaque illuminou, de tal maneira que
Julguei ser um heróe, mas um heróe d'antanho,
De pluma e capacete e lança e boldriê.

Mas, hontem, ao sair de casa, um camarada
Trouxe-me para ver as linhas de um jornal
Que falava de ti. Olhei. Não disse nada.
Mas para não caír agarrei-me ao portal.

Quando me vi a sós, também, d'ahi a pouco,
Tive desejos maus de estrangular alguém,
De te calcar aos pés, de fazer como um louco :
Bater-me contra dez, bater-me contra cem.

Era a hora em que o sol, como um ladrão, se esconde
Por traz dos serros e para longe de nós :
Tomei a minha espada e caminhei para onde
Eu sabia que estava o inimigo feroz.

Desafiei-os : cinco assaltaram-me, em guarda !
Eu queria morrer nesse combate, sim,
Com a graça, porém, de quem veste uma farda,
E tem orgulho de ser um espadachim.

E de facto, que sei ? após alguns minutos,
Vibraram-me no peito uma lança, caí
Sob os alfanges nús desses cosacos brutos...
Mas que importa afinal, si vou morrer por ti ! —

Sombra

Ao Leoncio Correia

Um dia, hei de partir, e tu has de ficar,
Como uma véla que se perdesse no mar,
Por entre o nevoeiro e a cerração escura...
Has de ficar aqui, ó fragil creatura,
Atirada aos baldões crueis da sorte má,
Ora de lá p'ra cá, ora de cá p'ra lá...

Tão atrás ha de ser, porém, tão exquisito,
Tão despedaçador esse horroroso grito,
Vibrado de través dessas torres de ar,
Que onde quer que eu esteja, ha de me traspassar,
Ha de ferir-me assim com tal desolação,
Com um desespero tal que hei de correr então

De paiz em paiz, de cidade em cidade,
Como um doido a tremer de infinita piedade...
E sem que saibas que eu estou presente, emfim,
Eu te possa sorrir, quando penses em mim,
Mas como nevoa em torno à palidez da Lua,
E sombra, e nada mais do que uma sombra tua...

A cada passo, então, hei de te acompanhar,
Como uma especie de genio familiar.
Eu hei de te seguir, eu que por meus peccados
Só tenho percorrido os caminhos errados
Nessas estradas, mais subtil do que um ladrão,
Como se conduzisse um cego pela mão...
Eu sei o que é um abysmo e conheço o perigo,
Onde fôres pisar, hei de pisar contigo.
E a dôr que te ferir ha de ferir-me, pois,
De modo a nos ferir, ao mesmo tempo, os dois.
Quando soprar a dôr, quando rugir o vento
Sobre a tua alma em flôr, num descabellamento ;

Quando o desgosto assim, num gesto mau, talvez,
Te prostrar como si fosse uma embriaguez ;
Quando quizeres te lançar ao fundo d'água
Do desespero ou então aos açudes da magoa,
Recorda-te de mim e de quanto eu te quiz,
Não por seres feliz, mas sim uma infeliz.

E has de ouvir minha voz no meio do caminho:
Não toques nesse pão, não bebas desse vinho ;
Foge dessa tristeza, afasta esse pesar,
Não chores, meu amôr, que me fazes chorar.
Não creias nesse olhar luminoso e risonho :
Não ames, que o amôr não é mais do que um sonho.
Quando essa taça um dia alguém te offerecer :
Toda de oiro a ferver espumas de prazer,
Que nem siquer o teu labio de leve a oscule.
Faze mais do que fez aquelle rei de Thule :
Quebra essa taça em mil pedacinhos, e após
Lança os restos ao mar, de uma maneira atrás.
Eu te amo, meu amôr, porém falo-te serio :

Eu não creio no amôr, o amôr é um mysterio.
Debatendo-te ahi, toda, de norte a sul,
Nunca, nunca verás esse passaro azul...

E havemos nós de andar assim, annos e annos,
Por entre enganos mil e outros mil desenganos.
E eu sempre a te illudir, e eu sempre a te embalar
Sobre as ondas do mar, do encapellado mar.
E um dia, quando emfim, caíndo de fadiga,
Quizeres descançar, descança, minha amiga.
São horas de dormir, o somno não faz mal,
E eu hei de te fechar os olhos afinal.
Quando o somno vier, não faças cerimonia,
Que a vida não é mais do que uma longa insomnia.
Quando o somno vier descendo por ahi,
Eu não te acordarei, não chamarei por ti.
Vendo-te adormecer, as mãos em cruz no peito,
Nesse frio lençol envolta sobre o leito,
Depois de te beijar os cabellos reaes,
Sabendo que jamais hei de te ver, jamais ;

Depois de te beijar as tranças velludasas,
E pôr no teu caixão os lírios e as rosas,
Eu volverei de novo, ó minha doce irmã,
Eu sombra e nada mais do que uma sombra vã,
Para esse Orco profundo e região infinita
Onde entre sombras vãs a minha sombra habita.

Dezembro – 1909.

Tristeza

Ao Alves de Farias.

Era de tarde. Estava aqui sósinho,
A mão por sob a face, a mão assim,
Quando, me vendo do alto, um passarinho
Pensou que eu era um ramo, e veio a mim.

Veiu. Desceu. Porém tão de repente,
Tão subtilmente, tão suave — que eu,
Si já não fora um coração descrente,
Pensava que do céu é que desceu...

Veiu. Poisou aqui, tremulo e brando,
Aqui por sobre mim, neste lugar,
Neste meu coração quasi chorando,
E logo que poisou, pôz-se a cantar...

Findou-se a tarde. Anoiteceu. A Lua,
Toda lavada em rosas de prazer,
Vinha como de um banho, vinha núa,
Vinha prateada e limpida a escorrer...

Eu nunca ouvi cantiga mais amena,
De uma melancolia mais ideal ;
Era de tal brandura, de tal pena,
De tal doçura que fazia mal !

Deixava-me no ouvido aquella trova
Não sei que sonho doido de embriaguez :
Era como si alguém me abrisse a cova,
E enterrasse-me vivo de uma vez...

Caía-me aqui dentro, aqui no seio,
Como uma grande luz crepuscular,
Sem que eu soubesse d'onde foi que veio,
De que sombria região polar.

Eu era como um monge, um pobre monge,
Dentro da minha desesperação,
Que caminhasse para muito longe,
Para o exílio, para a solidão...

E tão inquieto eu ia, tão enfermo,
Tão desolado, que fazia dó :
O caminho era funebre e era ermo,
E eu ia, eu ia, horivelmente só !

Era tamanha aquella doida magoa,
Que eu não podia, não podia mais,
Os meus olhos se annueavam d'agua,
Vendo passar meus proprios funeraes !

Sobre o meu coração, fria, gelada,
Descia a nevoa de uma dôr sem fim,
Como si fosse a mão que brande a espada,
Mão terrivel e triste sobre mim...

Quanta desillusão que ella me trouxe !
Quanta amargura, quanto horror cruel !
Nesse gorgueio doce, muito doce,
Havia travos de veneno e fel.

Pungia tanto o meu pesar ardente,
Era tão mudo e despedaçador,
Que soluçando torrencialmente,
Não aliviaria a minha dôr...

Eu sentia que havia no meu rosto
Essa exquisita côr feita de cal,
Esse marmore frio do desgosto,
Esse palôr, esse palôr mortal !

E a noite toda, o alegre passarinho
Cantou, cantou, falou com a sua voz,
Ora, velludo e sêda, oiro e arminho,
Ora, nervos e dôr, violenta e atrás.

Falou de tudo quanto succedera,
Com accentos nervosos e febris ;
Era macia a voz, era de cêra,
Mas como me tornava um infeliz !

Como essa voz tinha ferocidades,
Como era esfomeada e era voraz ;
Eu lhe rogava em meio de anciedades,
Que me deixasse, me deixasse em paz.

E que caminhos tristes ! Que avenidas
Longas ! E que silencio tumular !
É por aqui que passam os suicidas,
Quando vão para o ermo se enforcar.

E que sombrios alamos, que choro,
Que desespero, que afflicções brutaes !
Onde me levas tu, ó mau agouro,
A que trevas e antros infernaes ?

E que soluço, que se não acalma,
Que magoa intensa, que furor, emfim !
Quem teria morrido na minha alma
Para que o coração chorasse assim ?

Debaixo dos estigmas da tristeza,
Eu me via mais triste do que Job,
Esse que o mundo com pavor despreza,
Mais ulcerado, mais infame, e só.

Era como si eu fosse, em noite escura,
Rio das mortes a rolar, em vão,
Aquellas minhas aguas de amargura,
Tintas do sangue da inquietação.

E elle a cantar ! E eu anciado : quando
Ha de esta ave partir, ha de voar,
Ha de deixar-me a paz, o somno brando,
O somno leve, que perfuma o ar ?

Quando me has de deixar, musica langue,
Ó veneno subtil, ó embriaguez,
Tu que me estás bebendo todo o sangue,
Nervosissimamente, de uma vez ?

Mas de repente, assim como de um ninho,
Eil-o a fugir de mim ! Mal eu dei fê,
Já me havia deixado aqui sósinho,
E triste, triste, inda mais triste até !

Raiara emfim o rosiclér d'aurora,
Esse candido albor: olhei p'ra lá,
Para as bandas, por onde fôra embora,
E ó que saudade ! Quando voltará ?

Durante uma enfermidade

Ao Rocha Pombo

Quem poderá saber ? quem sabe lá
D'onde viria aquelle sabiá ?

Quem poderá saber o que elle tem,
E o que lhe dóe, que o faz cantar tão bem ?

Que penas serão essas dentro da alma,
Que por mais que elle as diga, não se acalma ?

Seria um rei o pobre, ou uma rainha,
Que de uma vez perdeu tudo o que tinha,

E não sabendo mais onde o ganhar,
Pôz-se a chorar, quero dizer, cantar ?

Quem poderá saber ? Apenas sei,
Quer seja uma rainha, quer um rei,

Que elle é bem como alguém, coitado, quando
Soffre, não se contém, e vai falando...

Chegou a hora triste, a hora santa,
Aperta-lhe a saudade e elle canta...

Eu que conheço a hora do pesar :
Venho, sento-me aqui, fico a escutar...

E de tanto que já o tenho ouvido,
Entendo o que elle diz pelo sentido.

Ora são esses bosques ideaes,
Essa frescura e não acaba mais...

Ora os campos em flôr, e aquella magoa,
E aquella fonte com soluço d'agua...

Às vezes, a saudade e a embriaguez
Desses caminhos que elle um dia fez,

Dessas corridas, desses vôos doidos,
Dessas loucuras que fazemos todos,

No meio dos silencios mais sombrios,
Dos grandes ermos, dos profundos rios...

Ora aquella dolencia, penso eu,
Que só de imaginar que já morreu...

Que em sua terra, todo o mundo agora
Até seu proprio nome já ignora...

Já não se lembra d'elle mais ninguem,
Nem para o maldizer, nem dizer bem...

Durante o tempo em que eu estive doente,
Foi um amigo, verdadeiramente.

Tão bem me traduziu o coração,
Que foi mais que um amigo, foi irmão.

E ó que irmão que elle foi, como não ha,
Eu a soffrer d'aqui, elle de lá !

Até me pareceu que adivinhava:
Quando eu estava triste é que cantava.

E eu por triste que fosse, quando o ouvia,
Era com arrepios de alegria.

É que elle, à semelhança d'um poeta,
Mesmo cantando a magoa mais secreta,

Tinha sempre o seu modo de a dizer,
Que em vez de magoar, dava prazer...

Eu sei, porém, eu sei que o pensamento
Inda é mais leve do que o proprio vento,

Mais leve do que a luz e do que som;
Sei que me vendo inteiramente bom

Hei de esquecer-te coração querido,
Como de resto tenho-me esquecido

De tanto sonho bom, por esse mundo,
De tanto sonho que dormiu no fundo,

Bem lá no fundo virgem do meu ser,
Sem que o pudesse mais tornar a ver :

Tal que si fosse a minha propria imagem,
Que eu, em caminho, um dia, de passagem,

Deixasse por ahi a reflectir
Nesses lagos de perolas d'Ofir,

Nesses profundos lagos de cristal,
De uma scintillação quasi ideal,

De uma scintilação maravilhosa,
Como si fossem lagos côr de rosa,

— Melancolica, assim, cheia de magoa,
Longa e perdida lá no fundo d'agua...

Para os que se amam

Ao Americo Facó

Sobre esse lago azul, que um sussurro de brisa
Aquebranta de amor e encrespa de desejo,
Curvo e leve um batel docemente deslisa,
Vélas a palpar radiantes como um beijo...

Dentro, amoroso, vê, um casal se entrelaça,
E enquanto sobre o azul dessas águas quietas,
Voga o batel, os dois, com o mesmo ardor e graça,
Beijam-se, como faz um par de borboletas.

Amam-se. E em de redor do lago, que se ondeia,
Como uma flauta, que soluçasse em surdina,
Pelos ramos em flor um passaro gorgeia,
E ansioso sobre os dois o próprio céu se inclina.

Ah que doce frescor ideal de mocidade !
Para vel-os assim foi que se fez o mundo,
A alegria, o prazer, o ruído, a cidade,
A poesia, o luxo, aquelle céu profundo...

Para gosar o amor dessas crianças, vel-as
Os lábios confundir no mesmo sorvedouro,
A noite se enfeitou de arrecadas de estrelas,
E pôz sobre a cabeça um diadema de ouro...

Primavéras em flor brotaram de repente,
Como romãs ideais, bocas luxuriosas,
E floriram canções madrigalescamente,
E encheram-se os jardins de lírios e de rosas...

Ó que fremito bom, que beijo, e que alvoroço,
E que sonho ideal, e que roseos matizes !
Não ha nada melhor do que ser bello e moço...

Senhor, vamos rezar pelos que são felizes !

A boa estrella

Ao Aluizio França

Em criança, um dia, consciencia pura,
Mostraram-me a estrella da minha ventura.

Anciado e doido, corri para vel-a...
E vi-a. Que linda, que doirada estrella !

Lembra-me : mais tarde, consciencia langue,
Olhei-a. Ella estava coberta de sangue...

Afinal perdido de todo, quiz eu
Inda olhar e vel-a. Desappareceu....

Para que todos que eu amo sejam felizes

Eu sei que o meu destino é como aquella espada
De Breno a reluzir sobre minha cabeça,
E por isso tambem, porque nada mereça,
Ó deoses, para mim eu não vos peço nada.

Tudo que vier é bom : esta melancolia,
Esta tristeza atrás, esta invasão de magoa,
A tortura que me faz tremer os olhos d'agua ;
Tudo que vier é bom: é porque eu merecia.

Bendita seja, pois, a mão que me assassina,
Bendito o que me fêre e o que me apunhala,
E encheu-me de pavor os caminhos de opala,
E fez cair os meus castellos em ruina...

Mas ao menos, ouvi, e eu por isso me inflammo,
Que do fundo do meu recolhimento eu possa
Palidas mãos erguer e supplicar a vossa
Magnificencia real para aquelles que eu amo.

Que não sendo feliz, ao menos possa vel-os
Felizes, a gosar o prazer que não pude :
O aroma dessa flôr de liz da juventude,
A alegria de ser sempre moços e bellos.

Sim, permitti que o mal que tenha porventura
De um dia os abater, como victima imbelle,
Caia por sobre mim, que eu sei que tenho a pelle
Sobre os ossos, porém, insensivel e dura.

E unidos, como si fosse num longo beijo,
Doce, espiritual, anciosamente mudo,
Não comprehendam jamais dentro desse velludo,
Dentro desse prazer, dentro desse desejo,

Que ha serpentes crueis e babas de serpente,
E monstros, e reptís, e charcos, e venenos ;
Mas simplesmente, olhai, mulheres como Venus,
Bellezas ideaes, beijos unicamente !

Que sobre elles, assim como uma aureola em brasas
Possa resplandecer o sonho de tal modo
Que nem toquem siquer com os pés sobre o lodo ;
Por isso que sonhar é o mesmo que ter azas...

E que bem como faz à tarde uma andorinha,
De um para outro paiz, em vindo a primavera,
Emigrem : que isso foi minha melhor chiméra,
E eram essas tambem as ambições que eu tinha.

E transpondo esse mar, que brame e ruga e espelha,
Julguem sempre, a sorrir, que tudo é um sonho vago,
E que esse mar não é sinão um doce lago,
De ondulações azues e bom como uma ovelha.

E sobretudo que, mais verde que uma palma,
Tragam o coração, em flôres de giesta,
Sempre aberto, a florir para uma grande festa
Dentro desses salões ariadnicos d'alma.

E possam sempre ouvir o amôr quando segrêda,
Mas assim como si fosse um suspiro apenas,
Essas canções em flôr, languidas açucenas,
Entre os álamos nus de sombria alameda...

E não vejam sinão a doçura da vida,
E não ouçam sinão o fresco idyllio eterno :
Primavera, verão, outono, e o proprio inverno,
Como quem vive ao pé de uma mulher querida.

E sabendo que são puramente bondade,
Alegria, e canção, e luz, e alvoroço,
Não queiram ser jamais esse monstro e esse poço
Que sou, e sempre fui, de orgulho e de vaidade.

E tudo seja pois tão saboroso e rubro
Pomo, que de maduro em favos se derrete,
Tão azulado o céu, mas d'um azul ferrete,
Calido a enfebrece de raiva o mês d'Outubro.

Que elles possam achar quasi aos oitenta annos,
Envelhecidos, mas com o labio risonho,
Que a existencia lhes foi mais breve do que um sonho,
Taes as venturas e tão grandes os enganos...

E um dia quando emfim, de longinquos paizes,
Chegar a morte, bem como uma dura algema,
Que elles possam dizer nessa hora suprema :
Glória aos céos imortais, que fomos tão felizes !

Súcubo

Desde que te amo, vê, quasi infallivelmente,
Todas as noites vens aqui. E às minhas cegas
Paixões, e ao teu furor, nynfa concupiscente,
Como um súcubo, assim, de facto, tu te entregas...

Longe que estejas, pois, tenho-te aqui presente.
Como tu vens, não sei. Eu te invoco e tu chegas.
Trazes sobre a nudez, fluctuando docemente,
Uma tunica azul, como as tunicas gregas...

E de leve, em redor do meu leito fluctuas,
Ó Demonio ideal, de uma belleza louca,
De umas palpitações radiantemente nuas !

Até, até que enfim, em caricias felinas,
O teu busto gentil ligeiramente inclinas,
E te enrolas em mim, e me mórdes a boca !

Versos doirados

La beauté est une promesse de bonheur.

STENDHAL

Eu não te posso ver, que não sinta o desejo
De te envolver assim num luminoso beijo,
Num grande beijo nú, a pelle setinosa,
De uma frescura ideal de petalas de rosa...
E tamanho prazer o coração me inunda,
Em te vendo, de luz, de embriaguez profunda,
Que doido esse amôr, bebado desse vinho,
Não sei mais onde estou, não sei onde caminho.
Sigo. Vou por ahi, pela deserta rua,
Sem ver que anoiteceu e que nasceu a lua,

Sem ver mais nada, sem ter olhos nem ouvido,
Cego, completamente cego, e aturdido,
Dentro dessa visão inquietamente bella
Que fulge como si fosse a luz de uma estrella...
E distante afinal de todos e de tudo,
Envolto no ouro de um silencio de velludo,
Coroadado, como um deos, dos pampanos de enganoso
E das rosas em flôr dos vinte e poucos annos,
Radiante de me ver, sósinho, ao fundo desta
Solidão, como quem entra um palacio em festa,
Que bom de me entregar num extase risonho,
Num extase sem fim, num extase de sonho,
À lembrança, à loucura, à volupia exquisita,
Ao luxo de sentir que uma mulher bonita
Tem no expressivo olhar, que brilha quando passa,
O dom de offerecer, como uma fina taça,
Para os meus olhos nus, por um instante ao menos,
Os delirios do amôr e da embriaguez de Venus!

À Toi !

É num dia de sol que te escrevo esta carta,
No meio de uma luz riosamente farta,

Loira, secca, subtil, aromada, ideal,
Assim como si fosse um vinho oriental.

Escrevo-te ao correr da pena, quasi a esmo,
Como vivo afinal : tão fóra de mim mesmo...

E confesso-te, flôr, ó doce flôr de liz,
Que te escrevo porque não me sinto feliz.

Eu te amo, vê, porém eu te amo de tal arte
Que te amo muito mais que deveria amar-te.

Muito mais ! muito mais ! O meu amor é tal
Que o bem de te querer, às vezes, me faz mal.

Causa-me raiva até e me deixa doente :
Fico a chorar e a rir, mas incoherentemente,

Sem poder definir o que é que eu sinto, enfim,
Francamente, a não ser que eu nunca amei assim.

Nunca ! Tu para mim és como uma bebida,
Onde, um dia, eu encontro a embriaguez e a vida,

E noutro, o desespero, a tragedia cruel,
A duvida sombria e amarga como fel...

É que somente tu tens a força marmorea,
O condão, o poder, a belleza e a gloria,

De transformar-me assim, com os teus olhos nus,
Maravilhosamente, ou em lama, ou em luz.

E por isso, também, ó flôr abençoada,
Em te vendo passar, não quero ver mais nada.

Tão radiante me vejo, e tão feliz, direi,
Como si fosse rico ou me tornasse um rei.

Hoje, porém, não sei que sombras e que magoa
Perpassam-me através dos olhos rasos d'agua.

Synfonias de luz andam vibrando no ar,
Mas eu, não sei por que, eu quasi a soluçar

Sinto que a destruição, o tédio e o desengano
Me invadem como si eu fosse o imperio romano.

Ando nervoso, mau, doente, quasi hostil,
Debaixo deste céu mirífico de abril.

E, volupia imortal, delicioso beijo,
Prazer que me destróe, ó rutilo desejo,

Essa tristeza vã, esse hysterismo todo,
Tudo isso é só porque te quero como um doido !

Graças te rendo...

Graças te rendo aqui, preciosa Senhora,
Que num simples olhar de ternura, tiveste
O dom de me elevar, assim como o fizeste,
Entre os braços do amor e as púrpuras d'aurora...

O dom de me fazer acreditar que veste
O humano coração, como acredito agora,
Não o lodo, porém o linho que se adora,
O linho que fulgura em pleno azul celeste...

Sei que os votos que são trabalhados com arte
Hão de os deoses cumprir, ó luz maravilhosa :
— Sê, pois, bemdita, sê bemdita em toda parte !

Que onde fôres pisar, que por onde tu fôres:
A lama se transforme em pétalas de rosa,
As viboras, em fruto, e os espinhos, em flôres !

Adulterio de Juno

Ao Reinaldo Machado.

Un paysage, c'est um état d'âme.
AMIEL

I

Juno, a beleza em flôr da primavera,
Mas a deosa de olhar quasi sombrio,
Quando tinha ciume, era uma fêra,
Mais furiosa que uma loba em cio.

Cada vez que esse Jupiter tonante
Se transformava numa chuva de ouro,
Para as conquistas de uma nova amante,
Num alvo cysne, ou simplesmente em touro,

Ai da nynfa culpada, albor de neve,
Por mais joven que fosse, por mais bella,
Ia mudar em corça dentro em breve,
Quando não fosse pois numa cadella !

Juno, porém, tamanho orgulho tinha,
Um tamanho amôr proprio desmarcado,
Na sua aurifulgencia de rainha,
Que nem por isso dava um passo errado.

Por toda parte palpitavam beijos,
Mais lindos do que a flôr do asfodelo,
E os desejos mais soffregos, desejos
De despir esse corpo e de mordel-o...

Vendo-a através do linho, que fluctua,
A mocidade grega sempre fatua,
Não podendo morder-lhe a espadua nua,
Babujava-lhe o marmore da estatua...

Venus era a primeira a dar-lhe o exemplo
De quanto vale uma mulher devassa :
O seu templo de amôr não era um templo,
Era uma tasca e Venus, uma taça...

O Olympe enfim era uma borracheira,
Era uma gargalhada, um grito insano ;
Foi só para enganar-o a vida inteira
Que Venus se casou com o deos Vulcano.

Via o infiel correr, ebrio de vinho,
Nayades, hamadryades, e tudo
Quanto encontrava sobre o seu caminho,
Como si fosse um satyro cornudo.

Via-se desejada como a femea
Cujo perfume era o da propria rosa,
Sua unica irmã, sua irmã gemea,
E entretanto teimava em ser virtuosa.

II

Vivendo sempre só quasi que todo dia,
Tinha apenas comsigo uma única alegria.
Toda linda manhã de sol saía de casa,
Ligeira, como quem é uma deosa e tem aza.
E dentro do seu coche azul, clara e florida,
Levada por pavões, corria a toda brida.
Era um vôo através de campos verdejantes,
De palmeiras gentis, serros de diamantes,
Cidades ideaes, como lirios na fralda
De uma montanha de perolas e esmeralda,
Rios, valles em flôr, floresta colossal,
Lagos polidos como espelhos de cristal,
Nesse doirado mês de outubro, o mês risonho;
E ella passava assim como si fosse um sonho.

Nessa manhã, porém, de uma estranha belleza,
Juno quiz passeiar, como qualquer burgueza.

A sandalia nos pés, a fronte coroada,
 A tunica sobre o corpo nú, e mais nada.
 Maspor simples que fosse a deosa, no momento
 Em que ella aparecia, era um deslumbramento.
 Onde quer que pousasse o exquisito velludo
 Daquelle doce olhar, estremecia tudo.
 Era como uma luz. A natureza, quasi
 Ebria, não tinha mais que uma unica frase,
 Não tinha mais que uma só exclamação,
 E o extase, o silencio, o goso, a adoração.
 Vendo-a passar por sobre as suas hastes em flôr,
 Inquietas de prazer, e hystericas de amor,
 Diziam a sorrir languidas açucenas :
 “Quem passou por aqui foi uma sombra apenas ! ”
 Ia Juno, porém, de tal modo mettida
 No fundo do seu eu, da sua propria vida,
 Que sem vel-as talvez, palida e desdenhosa,
 Calcava sob os pés a violeta e a rosa...

Ia indifferente,
 Quasi triste, quando
 Olha, e de repente,
 Como que sonhando,

Ella vê dormindo,
 Num somno profundo,
 O pastor mais lindo
 Que havia no mundo.

Sorpresa de vel-o
 Bello desse modo,
 Beija-lhe o cabello,
 Quer beijal-o todo...

Um passaro :

— Ó flôr mais branca do que a flôr da laranjeira !

Outro passaro :

— Só faltava uma vez para ser a primeira...

Um fauno :

— Ah como Endymion, o pastor, é feliz !

Outro fauno :

— Pois pudéra não ser... É o rei dos imbecis !

Uma dryade :

— Que força deve ter no azul dessa pupilla
Para poder assim chamal-a e attrahil-a...

Outra dryade :

— Vêde o brilho que vem desse olhar através...

Um fauno :

— Tem mais força no olhar do que Hercules nos pés !

Beija-o como louca,
Mas com taes desejos,
Que enche aquella boca
De um furor de beijos.

Um satyro :

— É um combate feroz, uma guerra da Hellade...

Outro satyro :

— Nunca se viu assim tanta escurrilidade...

Toda descoberta,
Sem nenhum receio,
Cada vez o aperta
Mais junto do seio...

Com tal abundancia,
Com tal alvoroço,
Que ella é quem mais ancia
Tem daquelle moço.

Um joven fauno :

— Sómente para mim a sorte foi cruel :
Nunca pude gosar esse favo de mel...

Um passaro :

— Despiu se toda. Está inteiramente nua...

Um satyro :

— Nua, de uma nudez mais nua do que a Lua...

Outro joven fauno :

— Nunca o amor me quiz. E, no entanto, vêde,
Eu e Tântalo, os dois, temos a mesma sede...

E ambos, que loucura,
Ambos, que desordem,
Nessa luta obscura
Como elles se mordem !

Que doce abandono,
Que exquisito choro,
As folhas d'outono
Caíam como ouro...

Outro joven fauno :

— E eu que um dia lhe disse : ó meu amor immenso,
Quando te vejo sobre uma torre de incenso,
Toda coroada, assim, de myrtos e de rosas...

Sileno bebado, interrompendo :

— Doce paixão ideal, como me apothecas !

Um fauno :

— Estão se mordendo, os dois, com tamanho furor,
Que até parece ser mais odio do que amor...

Uma dryade :

— Odio e amor são dois inimigos, porém
Onde vai o amor, vai o odio tambem...

Um passaro :

— De certo Juno está completamente louca :
Introduziu-lhe em fogo a lingua pela boca !

Que odios a consomem,
Com que febre o quer,
Beija-o como um homem
Beija uma mulher...

E com que delirio
Tudo em roda estua
Dessa deosa nua,
Nua como um lirio...

Flóra, que sorria,
Nunca ouviu talvez
Tanta melodia,
Tanta embriaguez.

Um fauno :

— É um horror, é um horror...

Outro fauno :

— Escandalo profundo...

Uma dryade :

— Si Jupiter souber, incendeia-se o mundo !

Como ella se entrega,
Como se enchafurda,
Cada vez mais cega,
Cada vez mais surda !

Outra dryade :

— Ah si Jupiter vem aqui neste momento...

Côro de faunos, satyros e dryades :

— Mandai esse castigo, ó numens, por quem sois !

Mal tinham dito, ergueu-se um rijo pé de vento,
E Jupiter caiu como um raio entre os dois !

Sol

Ao Dario Vellozo.

Crepúsculo indeciso. As estrellas começam a apagar-se, uma a uma, como lampadas que se extinguem. Zéfyro sopra. E num vago sussurro harmonioso, a pouco e pouco, a natureza acórda. Ouvem-se vozes longinquoas e dispersas...

Um passaro :

— Vae despontar a luz.

Outro passaro :

— Pois que desponte logo.

Tenho ancias de subir, tenho a cabeça em fogo.

Hoje vou conhecer, pela primeira vez,

A voluptuosidade, a febre, a embriaguez

De voar, de voar, ó sonho, que me abrazas !

Outro passaro :

— Ah que bom de fugir! Que orgulho de ter asas!

Outro passaro :

— Estou ebrio de amôr. O amôr é como o vinho.

Que venha logo a luz. Quero fazer meu ninho...

Um gallo :

— Dentro desta canção, tão limpida e sonóra,

Ha matizes de luz e purpuras d'aurora.

Um corvo :

— Eu sou a podridão e o vento que arrasa ;

Sou a fome e a nudez... O sol é a minha casa.

O monte :

— Que solidão sem par, que solidão extrema,

A solidão cruel e aspera de um monte ;

Mas quando o sol me tóca, é como um diadema,

Aurifulgindo aqui por sobre a minha fronte...

O charco :

— Agua esverdeada e suja e pantano sombrio,
Mas quando o sol me doira esta miseria, eu rio.

A floresta :

— Ó delirio brutal ! Quando me mordes tu
A carne toda em flôr, o seio todo nu,
Com teus beijos de fogo, eu, como a flôr do nardo,
Recendo de prazer, e de luxurias ardo...

Uma arvore :

— Quando elle bate aqui no meio da floresta :
Que sussurro, que ardor, que anceios e que festa !

Uma cigarra :

— Faz tamanho rumor e tamanha algazarra,
Que eu supponho que o sol é como uma cigarra...

Outra arvore :

— E que perfume tem !

Outra arvore :

— E que canções vermelhas !

Outra arvore :

— Nós somos como a flôr, elle como as abelhas !

A terra :

— Quanto me queima o sol, com os seus desejos brutos !

A videira :

— Ó gloria de florir e rebentar em frutos !

A palmeira :

— Como gentil eu sou ! E o aroma que trescala,
Quando me lambe o sol e o zéfyro me embala !

O orvalho :

— Ao sol eu brilho mais que a perola d’Ormuz...

O pinheiro :

— Eu sou como uma taça erguida para a luz...

As fontes :

— É um murmurio sem fim de horizonte a horizonte...

O dia quando nasce é bem como uma fonte...

Através da floresta e desse campo e desse

Valle, ha um rumor de luz, como agua que corresse...

A abelha :

— Quando sobre o horizonte esse astro heroico assoma :

Que orgulho, que prazer, que vibração cruel,

Pois é de sol e flôr, é de luz e aroma,

Que componho esta cera e fabrico este mel !

Um passaro :

— Ah que alado frescor tem o romper d’aurora!

Outro passaro :

— É tempo de fugir, é tempo d’ir-me embora...

Outro passaro :

— É nesse lago azul que hoje quero roçar

As azas...

Outro passaro :

— E eu é sobre as ondas desse mar...

Um pastor :

— Eu nunca vi o céu de uma belleza assim :

É todo de oiro e rosa e purpura e carmim...

Outro pastor :

— Dentro daquelles véos ideaes do rosiclér,

A aurora tem a graça e o ar de uma mulher...

Outro pastor :

— Mas eil-o que surgiu, em rufos de alvoroço,
Brilhantemente nu, divinamente moço,
Eterno de frescor juvenil e tamanho,
Como si viesse de um maravilhoso banho,
Feito de aguas lustraes, e aroma, e ambrosia,
E coragem, e luz, e força, e alegria...

Uma rosa :

— E que limpido céu ! Que espectaculo rubro !

Outra rosa :

— É realmente bella esta manhã de Outubro !

Um beija flôr :

— Eu nunca vi assim manhã tão luminosa...

Outro beija flôr :

— É fina como o lirio e é ardente como a rosa...

Um pastor :

— Quando o sol apparece em ondas, a belleza
E a frescura, que espalha, é de tal natureza,
Tem um olhar tão bom, tão novo, tão jocundo,
Que toda madrugada é o começo do mundo...

A floresta :

— Tu me beijas, ó sol, tão loucamente, espera,
Que eu em pleno fulgor ideal de primavera,
Debaixo desse fogo ardente de teus beijos,
Em delirios de amor e amplexos de desejos,
Arrebentando em flôr, completamente louca,
Offereço-te o seio, offereço-te a boca !

Um passaro :

— Aqui, onde eu estou, deste raminho verde,
Quero subir até onde a vista se perde...
Quero aos raios do sol minhas azas bater,
Até cair no chão, bebado de prazer...

As ovelhas :

— Luz radiosa e pura, ó fonte creadora,
Luz que faz germinar em grãos a espiga loura,
E que veste de verde os campos seminus,
Bem dita sejas, flôr, bem dita sejas, luz!

O poeta :

— Ah que sombria dôr e que profunda magoa
De não poder ser eu aquella gota d'agua,
Que depois de fulgir, assim como uma estrella,
Derrete-se na luz, funde-se dentro della !

INDICE

PROLOGO	[03]
---------------	--------

PLUMAS

Dama	[05]
O meu orgulho levantou-me... ..	[06]
Vozes	[07]
Quando um poeta nasceu... ..	[08]
A Mão... ..	[09]
Embarque para Cythéra	[10]
Orgulho	[11]
O Enigma	[12]
Salomão	[13]
No tronco d'uma arvore	[14]
Vencidos	[15]
Ovidio	[16]
Veiu	[17]
Desde que comecei... ..	[18]
Não é só te querer... ..	[19]
Posto que já... ..	[20]
Donzellas	[21]
Justiça	[22]

POESIAS DIVERSAS

Ideal !	[24]
Iguassú	[26]
Canção.	[27]
Ebrios... ..	[29]
Esse perfume... ..	[30]
Convalescente	[31]
Versos de outr'ora.	[32]
Metamorfôses	[33]
Noite. Deito-me aqui... ..	[34]
Soneto	[35]
Para Ella	[36]
Corre mais que uma véla... ..	[37]
Quadras	[38]
D. Morte	[39]
Incoherencia	[40]

SOLIDÃO

Solidão	[42]
Não era mais que uma pequena aldeia	[45]
No meio desta rustica paizagem	[46]
Aquelle que ali vae nesse caminho	[47]

Que bom si eu fosse aquelle lavrador.	[48]
Oh para que sair do fundo deste sonho	[49]
Que outro desejo bom, que me captive	[50]
Lirio !	[51]
Sol d'inverno	[53]
Em seu louvor	[55]
Espectro	[56]
Nox	[57]
Mors	[58]
Flóra	[59]
Ode à Solidão	[60]

SATYROS E DRYADES

De um fauno	[63]
D. Juan	[64]
Não sei que poeta...	[65]
D. Juan, mas porque foi...	[66]
Um dos sonetos de D. Juan	[67]
Outro soneto de D. Juan	[68]
Ainda outro do mesmo autor	[69]
Ainda outro...	[70]
E finalmente o ultimo...	[71]
Gata	[72]
Heliogabalo	[73]
Amôr Cinzento	[74]
Borboleta	[75]
Versiculos de Sulamita	[76]
Supplica de um fauno	[78]

UM VIOLÃO QUE CHORA...

Olhos por seu gosto	[81]
Dessa tão ferrenha magoa	[83]
Tantas vezes hei soffrido	[84]
Tantos bens ambicionei	[87]
Lá fóra, e à deshora	[89]
Quando outro dia eu andei	[90]
Pobre meu coração, aqui, no meu ouvido	[92]
Vamos, meu coração, adormece de todo	[93]

POEMAS

Baucis e Filemon	[95]
Estatua	[97]
Azar	[99]
Esperança	[102]
Bruxa	[103]
Cavalleiro	[105]
Versos para embarcar	[107]
A cigarra e a estrella	[110]
Felicidade	[114]
Coração livre	[118]
Lied	[120]
A fome de Erisichton	[121]
Gloria	[122]
Oh que ancia de subir...	[123]
Punição do hereje	[129]
Canção do Diabo	[134]
Entre essa irradiação	[138]

Uma carta	[139]
Sombra	[141]
Tristeza	[144]
Durante uma enfermidade	[148]
Para os que se amam	[151]
A boa estrella	[152]
Para que todos que eu amo sejam felizes	[153]
Súcubo	[156]
Versos doirados	[157]
À Toi!	[158]
Graças te rendo...	[160]
Adulterio de juno	[161]
Sol	[167]

Acabado de imprimir no dia trinta de junho de
mil novecentos e onze.

Acabado de digitar e revisar no dia dezoito de agosto de
dois mil e onze.